

copyright © 2007
Marguerite Itamar Harrison

Editora
Eliane Alves de Oliveira

Conselho Editorial
Andrea Hossne; Cecília Salles; Cíntia Moscovich
Ciro Marcondes; Flávio Carneiro; José Coelho Sobrinho
Luiz Ruffato; Mônica Ribeiro; Regina Dalcastagnè

Revisão
Lia Ao

Diagramação
Editora Horizonte em
Book Antiqua 10/12,2

Impressão
São Bernardo do Campo, Assahi Gráfica, julho de 2007.

Papel
Reciclato 75g

Editora Horizonte
Rua dos Lírios, 46 - Jd. Primavera
13280-000 - Vinhedo - SP
Telefax: (19) 3876-5162
editora@editorahorizonte.com.br
www.editorahorizonte.com.br

UMA CIDADE EM CAMADAS

ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*,
de Luiz Ruffato

organização
Marguerite Itamar Harrison



EDITORA
HORIZONTE

nos Estados Unidos. Dentro do espaço nacional, quis destacar representantes de diversas universidades do Brasil.

Na Smith College, os meus colegas do Departamento de Espanhol e Português merecem os meus agradecimentos pelo incentivo que eles têm dado ao português e pelo apoio constante que deles recebo. Aos familiares e amigos que tanto amo e que repetidas vezes ficam em segundo plano por causa das exigências do meu trabalho, agradeço todos os sacrifícios e carinho. No acompanhamento deste projeto, merecem destaque os meus queridos pais Heline e Randy, irmão Nat e companheira Pamela. Finalmente, agradeço à Eliane da Editora Horizonte, que confiou em mim e generosamente respondeu a todas as minhas perguntas, sempre oferecendo o seu apoio integral ao longo deste percurso. Ao Luiz Ruffato, permaneço eternamente grata pelo espírito literário experimental e pelo componente humanístico da sua obra que sempre motivaram a minha leitura, assim como o meu ensino. Não tenho como retribuir o seu apoio cultural, a sua amizade e, sobretudo, a sua presença ativa como fonte de inspiração!

SUMÁRIO

Introdução

Marguerite Itamar Harrison, 9

Degradação e acumulação: considerações sobre algumas obras de Luiz Ruffato

Andrea Saad Hossne, 18

Um 9 de maio qualquer

Cecilia Almeida Salles, 43

Pedras para um mosaico

Giovanni Ricciardi, 48

Um livro que exacerba

Helder Macedo, 53

Anonimato e resistência em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato

Ivete Lara Camargos Walty, 56

Fragmentos do real e o real do fragmento

Karl Erik Schollhammer, 68

Os não-espacos da metrópole: espaço urbano e violência social em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato

Leila Lehnen, 77

Dividir, multiplicar, repetir: a São Paulo de Luiz Ruffato

Lúcia Sá, 92

Uma paulicéia pra lá de desvairada

Marisa Lajolo, 102

Ética e simpatia: o olhar do narrador em contos de Luiz Ruffato

Maria Zilda Ferreira Cury, 107

**O desafio do urbanismo diferencial no romance de Luiz Ruffato:
espaço, práxis e vivência social**
Nelson H. Vieira, 119

Móviles urbanos: eles eram muitos...
Renato Cordeiro Gomes, 132

Painel da condição humana
Sônia Maria van Dijck Lima, 141

Eles eram tantos corações, corpos, consciências
Vera Lúcia de Oliveira, 146

**Eles eram muitos cavalos no(s) processo(s) de profissionalização de Luiz
Ruffato**
Carmen Villarino Pardo, 155

INTRODUÇÃO

Marguerite Itamar Harrison*

e migalhas de seus sonhos esparramam-se sobre os ombros da velha

45. Vista parcial da cidade (EEMC, p. 95)

Uma cidade em camadas é um volume de ensaios que poderia ser visto como uma homenagem coletiva ao romance EEMC de Luiz Ruffato, salientando o seu destaque dentro do contexto da literatura contemporânea brasileira. A obra já foi premiada várias vezes: recebeu o Prêmio Machado de Assis de Narrativa, da Fundação Biblioteca Nacional em 2001, e no mesmo ano foi reconhecida como melhor romance pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Em 2005, na votação das 125 obras de ficção brasileira mais importantes dos últimos quinze anos, o romance conquistou quarto lugar. Desde que foi publicado, portanto, EEMC vem galopando em ritmo acelerado, não só em solo nacional, mas também na esfera internacional, por meio de edições estrangeiras em tradução, como as que já foram publicadas na Itália, na França e em Portugal. Este volume de crítica literária comemora este sucesso notável, que hoje culmina em uma nova edição brasileira do romance, pela Editora Record (no prelo). Ao reconhecer o êxito deste romance, também indicamos, de passagem, as outras obras ficcionais (em prosa) publicadas pelo autor: os dois livros de contos que primeiro nos introduziram às vidas dos habitantes do Beco do Zé Pinto em Cataguases, Minas Gerais: *Histórias de remorsos e rancores* (1998) e *(os sobreviventes)* (2000), ambos publicados pela Boitempo. Recentemente, a Record publicou os três primeiros dos cinco volumes que compõem a série ficcional *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato, dando continuidade a essa vasta cosmologia cataguasense: *Mamma, son tanto felice* e *O mundo inimigo*, ambos recipientes do Prêmio APCA de melhor ficção de

* Marguerite Itamar Harrison é doutora em estudos portugueses e brasileiros pela Brown University. É professora assistente na Smith College, em Northampton, Massachusetts (EUA); onde coordena o programa de português e participa do programa de estudos latino-americanos, assim como do programa de estudos de gênero. Publicou vários textos para revistas acadêmicas, entre elas, *Brasil/Brazil*, *Caderno de Letras*, *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, *Latin American Literary Review* e *Luso-Brazilian Review*.

Todas as citações da obra presentes no texto serão feitas desta edição.

² MEIRELES, C. "Romanceiro da Inconfidência". In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985, p. 545.

³ Idem, *ibidem*, p. 406.

⁴ Idem, *ibidem*, p. 544.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 545.

Eles eram muitos cavalos no(s) processo(s) de profissionalização de Luiz Ruffato

Carmen Villarino Pardo*¹

*Escutai, homens, a mensagem:
Nos escuros becos da cidade
Prepara-se a sedição dos mitos.*
Luiz Ruffato, *As Máscaras Singulares*

Considerações prévias

Trabalhar com a trajetória literária de alguém como Luiz Ruffato, nascido em 1961 e com uma carreira literária em andamento, significa, sobretudo, trabalhar com o "aqui e agora"; mas também – e talvez precisamente por isso – ter de utilizar como fontes de apoio bibliográfico referências que não estão nas bibliotecas convencionais mas nas páginas da internet, um suporte diferente e instável. E não se trata apenas de ter mudado de suporte da informação como também o fato de aparecer a voz do próprio autor de uma forma continuada e termos de tentar distanciar-nos dela.

Quem se aproximar da produção literária e cultural mais recente de qualquer sistema literário minimamente normalizado teria este mesmo problema, ou maior, dependendo do produtor de que estivermos a falar. Aceitamos, em certo modo, as palavras de Nelson de Oliveira ao indicar: "Se você quiser ler algo sobre literatura que está sendo feita neste minuto, você precisa vir pra cá, você precisa cair na rede [internet]" (OLIVEIRA, 2006). Matizando que, no nosso caso, a informação aparecida em portais literários, revistas eletrônicas, páginas de autores/editoras... e mesmo blogues é necessariamente – e pela distância física do trabalho a ser feito – a principal

* Carmen Villarino Pardo é professora Titular de Literatura Brasileira na Universidade de Santiago de Compostela-Galiza (USC) e pertence ao grupo Galabra. Doutora pela USC com a tese *Aproximação à obra de Néida Piñon. A República dos Sonhos* (ISBN: 84-8121-820-0). Trabalha no período pós-64 brasileiro e com autoria feminina, para além de estudos sobre cultura (Galiza-Brasil).

fonte de recursos, tendo que ficar de parte um meio essencial e pouco acessível para nós: as resenhas nos suplementos literários e revistas especializadas. Com algumas exceções².

Ao abordarmos uma proposta de análise como esta temos fundamentalmente presentes as teorias sistêmicas do professor israelita Itamar Even-Zohar (1990; 2005) e a noção de "campo" e perspectiva sociológica de Pierre Bourdieu (1991); de modo que o objeto de estudo não é o próprio texto e sim uma série de indicadores que se referem tanto ao espaço social em que esse produto literário, o produtor, o mercado, o repertório e a instituição funcionam³ e as diferentes posições que marcam a trajetória literária deste produtor no campo literário.

Segundo Bourdieu – com quem concordamos –, a cada tipo de *posição* no campo corresponde um tipo de "habitus"⁴ (ou disposições) produzido pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente. De acordo com as suas propostas, entendemos também que "La relation qui s'établit entre les positions et les prises de position n'a rien, on le voit, d'une détermination mécanique: chaque producteur, écrivain, artiste, savant construit son propre projet créateur en fonction de la perception des possibilités disponibles qui lui assurent les catégories de perception et d'appréciation inscrites dans son habitus par une certaine trajectoire et en fonction aussi de la propension à saisir ou à refuser tel ou tel de ces possibles qui lui inspirent les intérêts à sa position dans le jeu" (BOURDIEU, 1994, p. 71).

Assim, ao aproximar-nos da *trajetória* concreta de um produtor no campo literário brasileiro mais recente, como é o caso de Luiz Ruffato, precisamos saber qual é o estado desse campo a cada momento, a partir da altura em que ele adquire a categoria de "produtor literário" (ao entrar no campo). As lutas internas no campo literário e a sua interação com outros campos (como o da cultura ou o do poder); assim como a situação do espaço social em que se inserem, são elementos que permitem conhecer a posição que este escritor ocupa em um ou outro momento da sua carreira literária. Para isso, a perspectiva cronológica parece a mais apropriada porque nos permite ter uma radiografia da situação do campo literário em que se apreciam as inter-relações e mesmo as mediações que se produzem entre os diferentes macro-fatores que funcionam no sistema literário. Entendemos, assim, a trajetória como "série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo) em um espaço em andamento e submetido a transformações continuadas" (BOURDIEU, 1991, p.39-41; 1994, p. 78-89).

De modo que tentar um levantamento da presença de um determinado produtor nas páginas culturais de jornais e revistas especializadas, assim como acompanhar a sua presença (ou ausência) em determinados atos (congressos, encontros, festas literárias...), ver os índices de vendas dos seus livros, saber das ocupações desse produtor literário (se vive exclusivamente da sua atividade literária ou não), conhecer a consideração que a sua obra (e a

sua pessoa) tem entre os colegas de ofício, ou percorrer a sua carreira literária, não por meio de uma biografia construída ou, por vezes, reconstruída pelo próprio interessado, mas por todos estes índices ou fatores que funcionam de modo interligado na rede do sistema literário apresentam-se como caminhos interessantes a percorrer para estudar a trajetória literária de um escritor como Ruffato. Um percurso em que cada livro, cada depoimento, cada entrevista mostrará as escolhas concretas que o escritor faz dentro dos materiais disponíveis do repertório ("o espaço dos possíveis", BOURDIEU, 1991, p. 17, 36), em que influem, também, o *capital simbólico* que possui, e, também, o *capital econômico e o cultural ou o escolar*.

Se estes são os pressupostos que, na partida, gostaríamos de delimitar devemos já agora indicar que – pelas próprias limitações deste trabalho – não estamos em condições de refazer a trajetória completa do escritor mineiro Luiz Ruffato até o momento presente; no sentido de não podermos agora construir (e reconstruir) os estados sucessivos do campo no qual ela se desenvolve, e, portanto, "o conjunto das relações objetivas que uniram este agente ao conjunto dos outros agentes que funcionam no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis". Tentaremos, na medida do possível, esboçar alguns dos elementos dessa trajetória e das diversas tomadas de posição por ele adotadas; de tal modo que possamos entender EEMC como uma delas: nem a única, nem a primeira, nem a última.

A trajetória de Luiz Ruffato no sistema literário brasileiro

Sabemos que Luiz Ruffato nasceu em 1961, em Cataguases, no interior de Minas Gerais, e que se traslada em 1978 para Juiz de Fora, onde vai trabalhar e estudar. Filho de uma família humilde descendente de imigrantes italianos, o jovem Ruffato entra no campo literário brasileiro em 1979 com a publicação de um livro de poemas.

Em geral, quando lemos informações sobre a obra deste autor mineiro, que mora atualmente em São Paulo, vemos que aparece a indicação de ser *Histórias de remorsos e rancores* (histórias, 1998) o seu primeiro livro⁵, ou, por vezes, o livro de poemas *Cotidiano do medo* (1984) como o seu primeiro produto literário. Mas, em alguns depoimentos, vemos como a sua entrada no campo literário se produz em 1979 com a publicação de *O homem que tece*, um livro de poemas publicado em Juiz de Fora, no ambiente dos grupos de poesia marginal – mineiros e cariocas – e publicado em mimeógrafo. De modo que, Ruffato participou, de algum modo, da chamada *geração 70, movimento alternativo, mimeógrafo...* Em entrevista concedida a Heloísa Buarque de Hollanda e Ana Lígia Matos (2006) ele próprio fala que se tratou de um texto publicado em mimeógrafo, um assunto que a primeira das ensaístas conhece bem, especialmente pelo trabalho publicado em 1976: *26 poetas hoje* (Labor,

Rio de Janeiro). É esta professora (Hollanda, 1992, p. 96) quem, ao falar desse movimento de Setenta, naquela altura explica: "As alternativas fornecidas pela política cultural oficial são inúmeras que os setores jovens começarão a enfatizar a atuação em circuitos alternativos ou marginais (...). Todas essas manifestações criam seu próprio circuito - não dependem, portanto - da chancela oficial, seja do Estado ou das empresas privadas - e enfatizam o caráter de grupo e artesanal de suas experiências.

O livro de Ruffato, de que praticamente não temos referências⁶ (na entrevista a Hollanda/Matos ele indica que o livro vendeu bem e que ficou sem exemplares), não situou o jovem mineiro em posições visíveis do campo literário. Nas entrevistas em que ele reconstrói sua trajetória biobibliográfica, insiste que nesses momentos ele está envolvido em trabalho e estudo em Juiz de Fora, a partir da sua entrada na Faculdade de Comunicação Social em 1978. Dos textos derivados de entrevistas e mesmo em artigos de análise, encontramos um silenciamento importante relativo à publicação deste texto - quase como exceção, a menção feita por Mello (2006, p. 222)⁷ e o texto de Roberti/Silva⁸ -; ou mesmo alguma referência *en passant*: "Parece incrível - e é - Ruffato ter passado por tantas profissões diferentes antes de realizar sua vontade de ser escritor. Como ele diz, a decisão pela literatura foi intuitivamente anterior e racionalmente posterior. Intuitivamente, por ter escrito um livro de poemas, em 1979, *O homem que tecê*" (www.jfservice.com.br).

Encontramos, pois, um jovem que praticamente não tem capital econômico nem capital escolar e/ou cultural, e que, em um processo de esforço pessoal, consegue um nível de *distinção*⁹ ao atingir o nível de Estudos Superiores. Para o moço descendente de imigrantes italianos que vivem modestamente em Cataguases o fato de ser universitário carrega o seu capital simbólico. Capital pequeno a que vai somar um certo capital econômico ao entrar, nesse mesmo ano de 1979, no jornal *Diário Mercantil* de Juiz de Fora.

Nesse meio tempo, ele participou de um movimento político e cultural, de 1979 a 1985, que foi o grupo "Abre Alas". "Um movimento reconhecido que aglutinou gente do Brasil inteiro". Desse movimento, surgiu a *Revista D'Lira*, em que diz ter "corrido por fora" e cita alguns nomes, que denomina como atores principais, como Jorge Sanglard, Iacyr Anderson, Fernando Fiorese e Edmilson de Almeida (ZOCHE, 2005).

O caminho para a profissionalização nas décadas de 1970 e 1980

O início da sua trajetória literária vem marcado por uma série de acontecimentos que têm lugar no espaço social brasileiro e em diversas dinâmicas que se produzem no campo literário e no campo cultural e no relacionamento destes com o campo do poder (nomeadamente, o campo do poder político).

A situação que encontramos no Brasil dessa altura é bastante semelhante à de outros países da América Latina, iniciando em vários casos o caminho para a Abertura política. O processo no Brasil foi lento e com dificuldades políticas e sociais, a que não ajudava a crise econômica que era cada vez maior. Esse percurso iniciou-se em 1979 (o mesmo ano de *O homem que tecê*) com a anistia que possibilitou o regresso de alguns exilados ao país e com uma série de movimentos sociais (especialmente das minorias) que provocaram duras reações da extrema direita. É esse o ano de publicação do livro de Fernando Gabeira, *O que é isso, companheiro?*. Gabeira foi o mais famoso dos memorialistas de protesto político brasileiro dos anos setenta, e, com seu primeiro livro, conseguiu um sucesso inesperado. As vendas desta obra, que permaneceu 86 semanas na lista das mais vendidas (PELLEGRINI, 1996, p. 37), chamavam a atenção em um mercado que vivia um período fraco (em termos de produção e venda de livros), mas em que "o leitor está cada vez mais interessado em obras que estudem sua realidade individual e da sociedade que o cerca" (Pedro Paulo de Sena Madureira, *O Estado de São Paulo*, 15/1/80).

O início da década de 1980, propício para o panorama literário brasileiro, marcou um encontro mais sério com um tema que vinha preocupando determinados escritores nos últimos anos (sempre que previamente se eliminava a censura): a profissionalização e, para as autoridades, aquilo que poderíamos denominar "planificação da cultura e mercado" (Even-Zohar, 1995, p.181-200). "Já não se pode dizer que é sempre mau negócio lançar ficção de autor nacional", comentou o escritor João Antônio em 1982 (*Isto É*, 12/5/82). Os anos oitenta foram, assim, fundamentais nesse caminho para tornar o escritor um profissional, objetivo de um grupo amplo de autores, mas, como muitos deles admitiam em 1982 (*Isto É*, 12/5/82): "A estrada rumo à profissionalização ainda é, no Brasil, uma simples picada na floresta de maus usos e costumes que vão desde a falta de um efetivo planejamento em termos de produção e comercialização do setor livreiro ao desinteresse amplíssimo por tudo quanto é palavra impressa".

Nessa altura, como ainda hoje em termos gerais, as tiragens nacionais eram muito pequenas para uma população tão numerosa como a brasileira; como exemplo de exceção podemos oferecer alguns dados desse mesmo ano 1982. *Essa Terra*, de Antônio Torres, estava na quinta edição (em total, uns cinquenta mil exemplares); e *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, vendeu aproximadamente quarenta mil exemplares.

A safra literária desses anos foi boa em termos de produtos no mercado e de dinâmicas sistêmicas, não apenas no que diz respeito ao mercado brasileiro mas também porque, a partir da década de 1980, determinados produtos e produtores do sistema literário brasileiro começaram, timidamente, a se mostrar para o mundo, a sair do Brasil. Internacionalização que se produz de modo complexo e demorado nas últimas décadas, e de que ainda hoje é difícil perceber muitos dos possíveis efeitos.

Os movimentos a que aludimos relativos ao mercado e à *instituição*¹⁰ no Brasil desses anos mostram uma mudança no relacionamento produtor-editora menos paternalista do habitual, com maior presença das leis do mercado nas mediações entre eles. Os movimentos de editoras na escolha dos produtores literários colocaram sobre a mesa uma questão básica que dividiu as opiniões dos escritores nos inícios dos anos oitenta: uma desconfiança na profissionalização plena do escritor, no temor de que isso pudesse significar uma perda de liberdade à hora de escrever e uma sujeição maior às leis do mercado. As categorias mudam de perfil e, nesses momentos, se o escritor passa progressivamente a viver da literatura (ou das atividades ligadas ao livro: conferências, congressos, júris...), também a editora perde o caráter de casa familiar para adotar a atitude empresarial cada vez mais agressiva e o livro, neste panorama, cada vez adquire mais a forma de um objeto lucrativo, uma mercadoria à venda.

Essa nova situação, mais habitual a partir da década de 1980, leva a considerações como esta de Márcio Souza: "Não converso com escritor que ainda não vendeu pelo menos cinco mil exemplares" (SÜSSEKIND, 1985, p. 88), autor do best-seller *Galvez, imperador do Acre* (1976).

Flora Süssekind, que definiu bem a vida literária da década de 1970, não tem dúvidas ao mostrar as mudanças que oferece nos anos oitenta: "E se nos anos 70 a censura e a cooptação foram a trilha dupla a ser percorrida por uma produção cultural impelida a um diálogo constante com um Estado ora repressor, ora mecenas, a década de 80 introduz outro fiel nessa balança: a lógica do mercado. Com isso, abre-se outra trilha igualmente dupla. Não a da censura, mas a da profissionalização. Apontando de um lado para a possibilidade de dedicação exclusiva ao trabalho literário e de outro para o servilismo diante das leis de venda, para um mergulho arriscado no banal" (SÜSSEKIND, 1985, p. 90).

É esse o momento em que entra em funcionamento – de modo cada vez mais visível – a figura do agente literário nas dinâmicas do sistema literário brasileiro. Entre eles, o americano Thomas Colchie no caso de Márcio Souza, Ignácio de Loyola Brandão e alguns outros autores brasileiros nos EUA. Mas o caso mais conhecido é o da catalã Carmen Balcells, que passa a representar Nélida Piñon, Jorge Amado (para alguns países), Autran Dourado, Rubem Fonseca (só para o exterior)... Precisamente, dois desses produtores literários, J. Amado e N. Piñon publicam em 1984, o ano da intensa campanha para as "diretas já", dois romances (*Tocaia grande* e *A república dos sonhos*, respectivamente) que, junto com *Viva o povo brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro, convertem-se em produtos literários com repercussão importante no mercado brasileiro. Eram romances que, nas suas escolhas repertoriais, tratavam de "dar conta de possibilidades de construir um novo país após a ditadura".

O ano de 1984 é, também, o ano de publicação do segundo livro de Luiz Ruffato, *Cotidiano do medo*. De novo, praticamente não temos referências sobre

o livro, nem sequer da editora¹¹. Nesta nova tomada de posição escolhe, de novo, a forma poética como material repertorial. Carlos Drummond de Andrade com o seu *Corpo* destacou entre outros livros de poesia publicados por Carlos Nejar, Marly de Oliveira, Neide Arcanjo ou Marcus Accioly. Foi um ano em que Rubem Braga dominou a crônica com o seu *Recado de primavera*, e no conto destacaram *De repente, às três da tarde*, de Orlando Bastos e *Paixões* de Domingos Pellegrini, além de um "polêmico" escritor no gênero, Luiz Fernando Emediato (*Verdes Anos*) – ganhador, em 1971, do prestigiado Concurso de Contos do Estado do Paraná –; e surgiram várias antologias, entre as quais, *O prazer é todo meu* (seleção de contos eróticos organizada por Márcia Denser para a editora Record) e *Carne Viva* (coletânea de poesia erótica organizada por Olga Savary, na editora Ânima). E, como diria o crítico Ronaldo Miranda (*Artes e Espetáculos*, 31/12/84), "muito mais foi lido e editado".

Nessa altura, Luiz Ruffato é um jovem que, após a crise que vive em 1981 o *Diário Mercantil*, em que trabalhava, conclui a sua formação como jornalista e traslada-se com a família para Alfenas, no sul de Minas Gerais. "Lá, ajudei a implantar um jornal, *Jornal dos Lagos*, que existe até hoje. E dei aula de literatura e de redação num colégio. Fiquei em Alfenas um ano. Depois mais um ano em Juiz de Fora, trabalhando na *Tribuna de Minas*. No final de 1989, início de 90, já separado, vim para São Paulo e nunca mais saí" (HOLLANDA & MATOS, 2006).

Temos, portanto, um jovem que se formou como torneiro mecânico, sai da sua vila natal para Juiz de Fora, onde entra na Universidade Federal e estuda Comunicação Social enquanto trabalha em uma oficina mecânica e, posteriormente, em jornais. Vive, durante esses anos – especialmente em 1978 – o início das greves universitárias e manifestações de estudantes (em paralelo com as greves no ABC paulista), tendo participado – como sabemos – de um movimento político e cultural, de 1979 a 1985, que foi o grupo "Abre Alas", e na refundação da União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais (UEE). A ausência de capital cultural e de capital escolar é pouco a pouco preenchida nesse período em que Ruffato insiste – em diversas entrevistas¹² – em que dedicou muito tempo a leituras diversas para acumular uma bagagem que não estava no seu *habitus*.

Da posição inicial deste autor mineiro no campo literário brasileiro à que ocupa em 1984, quando publica seu segundo livro, pouco podemos indicar pelo fato de ter tido também pouca repercussão na mídia e no mercado editorial. Da repercussão pessoal direta, o autor insiste em transmitir a ideia de que tudo o anterior à sua "decisão" de se converter em escritor com um plano definido é uma etapa diferente; ou, como aparece no texto-entrevista de Sílvia Zoche (11/04/05), do mesmo modo em que "antes de ser escritor" cita os ofícios de pipoqueiro, caixeiro de botequim, balconista de armário... também inclui o fato de "ter escrito um livro de poemas, em 1979, *O homem que tece*.

Na proposta teórico-metodológica que nos guia, só podemos entender a trajetória de Ruffato escritor a partir de 1979 e não "quando ele decide ser escritor", porque a perspectiva que adotamos tem a ver com a entrada dele no campo literário e não com a vontade/não vontade de alguém se considerar ou não escritor. Tem a ver, fundamentalmente, com o fato de que, a partir do momento em que um produto literário entra no mercado editorial (mesmo sendo por meio de uma edição mimeografada), passa a viver as dinâmicas que no próprio campo se produzem e entra em concorrência ou em homologia com outros produtores e produtos (literários, artísticos...).

Portanto, publicar o livro de 1979 e o de 1984 significa duas tomadas de posição que colocam o autor no campo literário brasileiro. E não se trata - por entendermos que isso pouco esclarece - de falar de duas etapas, uma "antes" e outra "depois de"¹³ (ou como o próprio Ruffato quer indicar "a decisão pela literatura foi intuitivamente anterior e racionalmente posterior"; (ZOCHE, 2005). Ruffato adota posições mais autônomas e mais ou menos heterônomas no processo de profissionalização, mas todas elas falam da sua própria trajetória.

Nessa reconstrução da sua trajetória literária encontramos o jornalista Luiz Ruffato inserido em São Paulo a partir de inícios da década de 1990, trabalhando para o *Jornal da Tarde*, de que, durante vários anos, foi secretário de redação, atingindo uma posição de prestígio profissional ("atualmente jornalista bem conceituado na imprensa de São Paulo", Souza). Trabalho que abandonou em 2003 para se dedicar em exclusivo à literatura¹⁴. Prévio a essa decisão, encontramos outras tomadas de posição do autor mineiro por meio de vários livros, artigos de opinião e um ensaio.

Ruffato e os processos de profissionalização nos anos de 1990 (e seguintes). O "plano Ruffato"

Após vários anos de silêncio na escrita, Ruffato reaparece no campo literário brasileiro em 1998 com *Histórias de remorsos e rancores*, para muitos, "seu primeiro livro"¹⁵. Em palavras da jornalista, escritora - prêmio Casa de las Américas 1997 - e ilustradora Ângela Leite de Souza - quem indica ser esta "sua primeira obra" -, *Histórias de remorsos e rancores* foi publicada em 1998, por uma então desconhecida editora paulista. A edição bem cuidada e o aviso dado por Ignácio de Loyola Brandão na contracapa: "aqui está um autor que espicaça (...), procura cutucar, apunhalar o conformismo, tirar as pessoas da acomodação" - ainda não seriam suficientes para projetá-lo na cena literária.

Dois anos depois, (*os sobreviventes*), saía pelo mesmo selo e vinha endossado por gente abalizada, como Ivan Ângelo, que destacava a excelência do texto: 'originalidade, ousadia formal, domínio da narrativa e do

assunto, criação de uma linguagem que define o lugar e as pessoas'. (SOUZA, www.vermelho.org.br).

Apesar de um pouco longo, este trecho oferece-nos dados de interesse para entendermos as novas posições que Ruffato passa a ocupar no campo literário. Para quem o considerar escritor iniciante no ofício o desconcerto é maior do que para quem - como nós nesta proposta - o conhece já como poeta. Trata-se, agora, e no caso dos dois livros, de escolhas de materiais repertoriais diferentes às dos produtos publicados em 1979 e 1984.

O fato de virem apresentados por escritores já consolidados no sistema literário brasileiro como Ignácio de Loyola Brandão e Ivan Ângelo contribui para legitimar o novo produto de Ruffato. Trata-se, como bem conhecemos ao analisar as dinâmicas sistêmicas, de estratégias de legitimação dentro do próprio sistema. Em diversas entrevistas e depoimentos do escritor mineiro, encontramos referências a leituras destes autores¹⁶ cujo sucesso foi importante na década de 1970 (nomeadamente com romances como *Zero e A festa*) e que, de ocuparem posições centrais nesse sistema, passaram a ocupar outras posições também próximas de alguns dos centros do mesmo sistema. Trata-se, como em muitos outros casos, de escritores com uma trajetória literária reconhecida que, com a sua presença no livro do novo produtor, apóiam, de algum modo, essa nova proposta. Em certa medida, é a solidariedade "inter pares" que está também por trás desta estratégia ao reconhecer o novo autor como um colega de ofício.

Vemos como estes dois novos produtos de Ruffato aparecem¹⁷ com escassa presença ainda no mercado, mas com cuidado na elaboração gráfica do produto. O problema de pequenas editoras, mas não apenas, é a escassa distribuição no mercado nacional e estrangeiro. Mas, afinal, esta situação vem reproduzir queixas que já apareciam com muita frequência nas páginas especializadas de jornais e revistas no período pós-64 em que iniciam as suas trajetórias Brandão e Ângelo; ambos, exemplos também de produtores literários que lutaram pela profissionalização do ofício, como faz Ruffato a partir destes anos.

Vemos como as dinâmicas sistêmicas aproximam muito mais o período, década de 1970, da denominada "geração 90". Naqueles anos e com uma dependência muito forte do campo literário em relação ao campo do poder político (especialmente durante o período do AI-5), a solidariedade entre quem se reconhecia como colega de ofício (escritor) foi muito importante para dar visibilidade ao produtor literário (cultural, artístico...) e vencer a censura (além de outros processos de cooptação e controle). Foram muito importantes, como sabemos, os encontros entre escritores e a organização em sindicatos (VILLARINO, 2004a); fórmulas que, de outro modo, mas com filosofia parecida, repetem-se também nesta mudança de século.

Mas os espaços para publicar eram poucos e menos ainda se o Produtor

literário era novo no campo; exceto em editoras pequenas e com um forte investimento no autor novo como Edições GRD, José Álvaro Editor... Os novos produtores literários (homens e mulheres) que iniciam a sua produção, de modo geral, na década de 1990 têm a vantagem de encontrar maiores possibilidades de emergência e visibilidade, em editoras pequenas e, de modo sobressalente, em suportes ligados à internet (e-books, blogues, revistas digitais, sites culturais...). Como explica o escritor Marçal Aquino, colega de ofício e "da mesma geração" de Luiz Ruffato: "Acho que hoje em dia é mais fácil para um autor publicar seu primeiro livro, pois existe um universo de possibilidades editoriais entre grandes, médias e pequenas editoras. A mídia, ao contrário de outros tempos, quando só abria espaço para grandes editoras, hoje trata da mesma forma o autor que publicou por uma casa tradicional e aquele que publicou por uma editora nanica (www.maldemontano.wordpress.com).

Quanto à profissionalização, apesar da distância temporal, ainda ecoam na nossa cabeça as queixas manifestada em vários artigos de 1976 em que liamos que "a luta agora deve ser pelos direitos autorais e uma conquista efetiva de maior mercado", como declarava o contista João Antônio (*Fatos e Fotos*, Gente, 21/11/76), para quem "há um caráter amadorístico na condição de escritor no Brasil. Temos de caminhar para a profissionalização". E em palavras também de Lara de Lemos, colega de ofício, "Raros [escritores] têm condições de sobreviver às custas de livros que são publicados. Então a gente se sente sempre um amador, não um profissional" (*Zero Hora*, 6/8/76). Eles, como outros produtores literários, buscavam o prestígio e a legitimação do seu trabalho por meio da via que lhes podia oferecer a profissionalização, em um sistema no qual nem o mercado interno nem o externo eram, "ao natural, receptivos à produção literária brasileira" (Cremilda Medina, *O Estado de S. Paulo*, 4/9/77).

Essas questões (apesar de terem mudado o tempo e, talvez também, as vontades) continuam sendo preocupação de muitos produtores literários no final do século XX e início deste novo século; assunto a que Luiz Ruffato tem dedicado reflexões públicas e um importante esforço pessoal.

Até agora vimos que a sua procedência humilde e os diferentes trabalhos que o ocuparam durante estes anos foram, durante alguns deles, simultâneos ao trabalho de escritor que, a partir de 2003, passou a ser seu único ofício. Isto é, passou a viver da literatura¹⁸. Para isso, foi preciso desenvolver uma trajetória literária em que as tomadas de posição foram cada vez incidindo mais na reflexão sobre a produção literária, própria e alheia, e na tentativa de organizar e planificar esse trabalho como uma tarefa profissional e não de tipo amador. De modo que Ruffato inicia o que podemos denominar "projeto Ruffato" ou "plano Ruffato", em que as escolhas de materiais repertoriais (temas, estilo, linguagem, gêneros, tipografia...) são feitas na linha de uma tentativa de se converter em escritor profissional e de conseguir uma certa

singularização¹⁹ no momento atual do sistema literário brasileiro²⁰.

Desse projeto Ruffato dá conta com muitos pormenores a cada entrevista ou intervenção em que se trata o assunto, especialmente a partir de 2001; mas já antes e depois da publicação dos dois primeiros livros que saem na Boitempo, começamos a "ouvir falar" o autor desse projeto. Dá a sensação, no início, de que Ruffato nos quer preparar, leitores e crítica, para a transgressão que propõe e para entendermos que o livro que aparenta ser de contos não o é e o romance que parece ser também, para ele, não o é. São formas de "radicalização/experimentação" que as diversas tomadas de posição que adota vão mostrando. No seu intuito, formas de um caminho que deve conduzir para uma saga ou coleção de volumes, um romance-mosaico. Já fala disso, por exemplo, quando recebe a Menção Especial do Premio Casa de las Américas (Cuba) para (*os sobreviventes*) em início de 2001 e antes de lançar EEMC (Souza).

O livro (*os sobreviventes*) concorreu, na 42ª edição do Premio Casa de las Américas (Havana) de 2001, com mais 848 obras de 22 países e, em palavras da escritora Ângela L. de Souza, membro do júri, entre os títulos de literatura brasileira, o prêmio foi para *Nau Capitânia*, de Walter Galvani " e a menção especial para '(*os sobreviventes*)', de Luiz Ruffato (...), um livro-revelação que, auguravam todos, ainda daria muito o que falar no Brasil" (SOUZA, www.vermelho.org.br).

Trata-se do primeiro prêmio para uma das publicações do autor de Cataguases e um reconhecimento que vem de fora por meio de um certame prestigiado; se bem, se atendermos as palavras de Sílvia Zoche (2005), o sucesso do livro anterior beneficiou também a publicação deste²¹. Ruffato ganhou algumas referências na imprensa e contou com prefácio do prestigiado brasileiro Malcolm Silverman, que indicou semelhanças no estilo com Pirandello e Tchecov; mas foi a partir da publicação do seu seguinte livro, EEMC, em 2001, que ele começou a ganhar uma posição mais próxima de algum dos centros sistêmicos.

Eles eram muitos cavalos no processo de profissionalização de Luiz Ruffato

O novo livro aparece também na editora Boitempo, que ocupa uma posição de maior referência nessa altura no mercado brasileiro. A partir da publicação deste texto, mas também não de modo imediato, Ruffato passa a ser conhecido e mesmo apresentado de forma habitual, como "o autor de EEMC", e destacando: "obra que a nosso ver é uma das mais importantes dos últimos tempos da literatura brasileira" (www.desconcertos.com.br). O sucesso não foi imediato em um momento em que: "Para a maioria das

editoras, o desafio é encontrar ilhas de consumo em meio a um mercado em que 61% dos adultos alfabetizados têm muito pouco ou nenhum contato com livros, como demonstrou a pesquisa Hábito da Leitura no Brasil-2001, feita pela CBL (www.portcom.intercom.org.br).

No boletim do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) brasileiro de dezembro de 2001, as opiniões de diversos editores apontam, como em outras ocasiões, para uma redução nos custos e ampliação do público leitor como desafios a vencer no ano seguinte (ano velho-novo/desejos velhos-novos). Como balanço, em termos editoriais, do ano de publicação de EEMC, apresentamos as palavras do diretor geral da Global Editora, Luiz Alves Junior, que destaca a participação do SNEL e da CBL em feiras de livros como uma das atividades importantes de 2001: "O Brasil já sabe vender aço e frango e está aprendendo a vender uma imagem editorial, o que é muito bom" (www.snel.org.br). Vários dos entrevistados coincidem em que o mercado editorial brasileiro é moderno, muito amplo e que um dos grandes reptos é "ampliar e fortalecer os pontos de vendas, já que a distribuição continua sendo o grande gargalo", comenta o diretor da Editora Mercado Aberto, Roque Jacoby, e confirma o diretor editorial da Editora Globo, Wagner Carelli, ao insistir que: "o meio do caminho - divulgação, marketing e distribuição - é que é problemático". Uma situação que não é nova e que repete queixas que já víamos nos anos 70 (www.portcom.intercom.org.br).

Essas dinâmicas sistêmicas encaixam com a linguagem de profissionalização que assume já um número importante de escritores e que Luiz Ruffato deixa bem clara nos seus depoimentos públicos, cada vez mais numerosos a partir da publicação e posterior sucesso de EEMC.

O livro²², o romance que "não-é-romance"²³, chamou a atenção de críticos para o autor e teve destaques na imprensa²⁴. Lançado em setembro de 2001, foi "aclamado pela crítica como uma das mais significativas obras da literatura brasileira contemporânea" (www.novacultura.de) e o autor, Luiz Ruffato, ganhou uma capa de caderno do jornal *O Globo* como "Personalidade do Ano de 2001" e, em palavras de Francisco Costa no *Estado de S. Paulo*: "Penso que daqui a uns bons tempos alguém poderá perfeitamente lembrar de 2001 como aquele em que EEMC foi publicado".

Uma das primeiras pessoas a transmitir esse assombro foi a escritora paulista (autora de numerosos artigos para jornais e revistas e de trabalhos para televisão, habitualmente dirigidos a crianças e jovens), Fanny Abramovich; responsável pelas orelhas do livro de Ruffato que começa por dizer: "Não sei se li um romance ou novela, se contos, registros ou espantos... Sei que me joguei voraz pelos setenta flashes, takes, zoons avançando sobre a sufocante paulicéia. Montagem dum painel assustadigo e movente de personagens apressados em desviar seus olhares. Ávida, atônita".

A paulicéia, que parece cada vez mais *desvairada*, é a protagonista destes 69

"flashes...". O aviso para navegantes de Abramovich é significativo; e outras leituras²⁵ mostram mais referências para quem procurar cartas de navegação para este texto de Ruffato²⁶.

EEMC atingiu prêmios de importante prestígio como o da APCA como melhor romance de 2001 e o Machado de Assis da Biblioteca Nacional; e, como sabemos, saiu uma segunda edição em agosto de 2002 e, posteriormente, uma terceira em janeiro de 2005²⁷. Neste período, e até 2006, a obra foi traduzida para francês na Éditions Métailié (*Tant et tant de chevaux*, 2005) e para italiano na Bevivino Editore (*Come tanti cavalli*, 2003). Em Portugal, saiu uma edição na Quadrante, em 2006.

Estas novas edições levaram o autor a viajar dentro e fora do país para divulgar o livro e a participar de eventos na França, na Itália²⁸, na Alemanha²⁹, na Galiza³⁰ e em Portugal³¹. Coincidimos com Ignácio de Loyola Brandão quem indicava, em 1977, que "a publicação no exterior reforça a posição do escritor aqui dentro" (*Folha de S. Paulo*, 28/9/77). A legitimação dada pela repercussão (via tradução, nova edição, convites, participação em eventos culturais...) no exterior "reforça", como é possível verificar também neste caso, a posição que Ruffato ocupa como produtor no campo literário brasileiro dos últimos anos. Para dar idéia destas participações e da repercussão imediata que sobre o escritor podem ter ficamos, por exemplo, com as referências que o escritor de Cataguases indica no regresso de uma dessas viagens de trabalho, na França: "LR - Foram 15 dias intensos, no começo de maio, divulgando a edição francesa de EEMC, que saiu pela Éditions Métailié. Participei de um festival literário em Saint Malo, dei palestras na Sorbonne e na Bordeaux 3 e lancei o livro em livrarias e bibliotecas públicas em Paris e Bordeaux. E dei entrevistas e entrevistas a rádios (sim, rádios!), revistas e jornais... Enfim, fui tratado como escritor..." (CORCI, 2004, <http://br.news.yahoo.com>).

Do lado da crítica francesa, as manchetes de páginas culturais dão idéia também da recepção desta edição: "C'est un livre que bat comme un pouls" (Clémence Boulouque, *Le Figaro*), "Magnifique travail littéraire" (Claudine Gálea, *La Marseillaise*) ou "Avec Tant et tant de chevaux, Luiz Ruffato signe là une oeuvre phare dans la littérature brésilienne" (Flora Merié, *Le Litteraire*).

No caso do lançamento em Portugal sob a chancela da Quadrante Edições, EEMC vinha com a indicação de o autor ser "nome consagrado da ficção contemporânea do Brasil"; e, no lançamento em Lisboa, contou com a apresentação do também escritor, José Luís Peixoto, produtor prestigiado no atual sistema literário português, e já convidado na FLIP. Peixoto (autor, entre outros, de *Morreste-me* e *Nenhum olhar*) contribuiu para a legitimação do autor brasileiro e de sua obra com declarações, no ato lisboeta, do tipo: "Tenho a certeza que meus filhos, e também os filhos dos meus filhos, lerão esta obra" e "EEMC é uma das mais significativas obras da literatura contemporânea em língua portuguesa" (<http://quadranteditora.blogspot.com>).

O sucesso de EEMC viu-se também acrescentado pela livre adaptação feita para teatro pela Companhia do Feijão, na peça *Mire Veja*. Estreou na Mostra Oficial de Teatro de Curitiba, em 2003, e depois viajou para São Paulo. Sob a direção e dramaturgia de Pedro Pires e Zernesto Pessoa, o texto de Ruffato converteu-se em um entrelaçamento de vinte histórias curtas, como "flashes no tempo impossível de São Paulo"³², vividas por personagens de diferentes características e origens sociais. A peça também foi prestigiada pelos prêmios APCA 2003/Melhor Espetáculo e Prêmio Shell 2003/Categoria Especial. Para além disso, significou um sucesso econômico para o próprio produtor literário, quem explica: "É, a peça era ótima, e ficou dois anos em cartaz. Mas eles fizeram tudo. Só fui lá como espectador, adorei, fiquei felicíssimo. E me emocionei mesmo, de chorar. Foi impressionante, inacreditável. Tanto, que eles ganharam o Prêmio Shell (em 2004). Fiquei surpreso com o sucesso, sinceramente. Nós ganhamos dinheiro com aquela peça. Sério, estou ganhando dinheiros e até agora. Essas coisas eu falo e ninguém acredita: 'Ah, teatro não dá dinheiro, literatura não dá dinheiro'. Mas é sério" (www.tudolorota.com.br).

A confiança no ofício em que acredita Ruffato confirma-se, entre outras, por este tipo de declaração; para além de insistir, para reforçar suas tomadas de posição, em que, "acima de tudo, ele é um escritor" (www.desconcertos.com.br). Nesse mesmo espaço, e antes da entrevista feita por Claudinei Vieira e Fransuelde de Abreu, a apresentação do autor de Cataguases que mora em São Paulo é firme: "E Ruffato, com seu jeito simpático e simples, é ambicioso, literariamente falando. Tem um plano. Tem uma meta". Indicações que aparecem depois de ter saído já o terceiro volume da série-saga do Inferno Provisório (*Vista parcial da noite*), em 2006. De novo, e é quase uma constante, Ruffato aproveita o espaço das entrevistas e das intervenções na mídia para lembrar o plano que ele traçou para a sua obra (e portanto a reconstrução de sua trajetória literária) e insiste para nós acreditarmos nele. Ao colocar-se como primeiro crítico da sua obra, está condicionando a leitura crítica e, deste modo, como também ao ser solicitado para opinar sobre a função/não-função da literatura, ou sobre o estado atual da literatura brasileira, reconhecêmo-lo na figura do intelectual de que, a partir dos autores do *boom* latino-americano, temos bons exemplos.

Mas é, fundamentalmente, a partir de 2005 e da publicação nesse ano de *Mamma, son tanto felice* (volume 1 da série Inferno Provisório) e de *O mundo inimigo* (volume 2)³³, significativamente, também Prêmio APCA, que Ruffato divulga com mais pormenores a construção e reconstrução desse plano/projeto³⁴, mesmo com a estrutura (temática e formal) que vai ter cada novo volume do "mosaico do Inferno". Nessa altura e para quem já sabe, como nós, qual foi a trajetória no campo literário brasileiro deste autor, a visão³⁵ é a de que: "Na verdade, desde o princípio eu tinha como projeto construir uma reflexão sobre a história política do Brasil. Eu só não sabia ainda como, quando

escrevi e publiquei o meu primeiro livro, *Histórias de remorsos e rancores*. Mas eu já intuía que aquilo não era uma coletânea de contos, tanto que conceituei os textos de 'histórias'. Quando saiu o segundo livro, (*os sobreviventes*), percebi que as 'histórias' poderiam ser costuradas umas às outras, organizando-se num amplo painel. Mas, então, fui atropelado pela escritura do 'Eles eram muitos cavalos', que ao fim e ao cabo é uma radicalização da forma que procurava para o Inferno Provisório. Assim, a partir de 2001 retomei os dois primeiros livros e os adequiei ao projeto" (CORCI, 2004).

Para o também escritor Estevão Azevedo, "além de uma grande preocupação estética, o romance EEMC também faz parte do projeto literário do autor, em conjunto com toda sua obra em prosa já lançada" (www.geocities.com).

A partir da publicação de EEMC, a crítica e os leitores mais atentos têm falado muito dos materiais repertoriais que nutrem este texto e os seguintes de Ruffato. Dentre eles, emerge, para além do destaque para experimentalismos formais e lingüísticos, a presença das personagens operárias³⁶ do Brasil dos últimos cinquenta anos, que o autor quer resgatar da ausência perceptível nos textos literários brasileiros (exceto, como sabemos, em obras de Aluísio Azevedo³⁷ como *O Cortiço* e, mais recentemente, de Roniwalter Jatobá). Portanto, o plano é ainda mais concreto; não se trata simplesmente de revisar a própria produção literária e de reescrever (função que ele destaca no seu processo de trabalho) com diversas e multifacetadas perspectivas as histórias contadas e mesmo já publicadas, mas de planificar o projeto editorial e de escrita como se tratasse de um projeto de pesquisa (ou justamente também se trata disso). O projeto tem como alvo temático a formação da classe operária brasileira entre 1950 e 2000, com as transformações vividas pelo Brasil do meio rural e os deslocamentos de imigrantes para as grandes cidades, e a vida nestas (CUNHA, 2004).

Consciente da nova posição que, aos poucos, ocupa no campo literário brasileiro³⁸, Ruffato quer manter ainda uma posição autônoma nesse campo, com as considerações que isso implica entre os próprios colegas de ofício e em nível de repercussão externa. De modo que o operário que ele foi e conheceu em empresas ligadas à sua formação inicial como mecânico especializado retorna para aparecer, nas máscaras de personagens anônimas, nos seus textos, mas reaparece em forma de operário literário, de trabalhador disciplinado no ofício de escrever a que, a partir de 2003, dedica-se em exclusivo.

Disciplina que atinge os hábitos de trabalho e as escolhas repertoriais que ele decide. Por exemplo, quanto ao uso que faz da linguagem nos textos posteriores a EEMC diz-se que se trata de "uma linguagem própria, vertiginosa e inovadora. Um estilo ruffatiano, inconfundível", marcando como "seu livro que o alçou para a fama, já traduzido em italiano e francês, é o EEMC" (COSTA, 2006). E para quem partilhar a opinião do jornalista português Paulo Nogueira (2006), "Ruffato jamais é hermético e muito menos abstruso".

Novas tomadas de posição

Reflexivo e com consciência do ofício e das dificuldades que o caminho para a profissionalização implicam, Ruffato foi apresentando os textos na medida em que o mercado editorial pudesse abrir um espaço para eles. Nessa linha, o sucesso conseguido com EEMC propiciou ao autor um espaço maior para introduzir suas novas tomadas de posição, de que os três volumes publicados do Inferno Provisório³⁹ são a concretização maior do mosaico proposto.

Mas, antes disso, temos a aparição do ensaio, publicado em 2002, *Os ases de Cataguases: uma história dos primórdios do Modernismo*, pelo Instituto Francisca de Souza Peixoto. O texto introduz, como elementos novos, a reflexão do autor sobre o Movimento Verde na sua cidade natal, numa tomada de posição acorde com outras que contribuem para a figura do intelectual.

Do mesmo ano de 2002 é a edição de um novo livro de poemas, desta vez "reconhecido" pelo autor nas bibliografias que dele se publicam, *As máscaras singulares*, também na editora Boitempo. Nas orelhas do livro, o conhecido poeta baiano Ruy Espinheira Filho indica - e com ele concordamos - que "nele encontramos Memória, Tempo, Solidão (pessoal ou coletiva). Morte e condição humana em toda a sua crueza". O autor trabalha com alguns materiais diferentes - as formas poéticas como "forma de conjunto" -, mas a cidade, a morte, a solidão e os medos humanos estão presentes também nestes versos como em outros textos de Ruffato em que, aparentemente, a forma escolhida é a prosa⁴⁰. Trata-se de uma tomada de posição diferente na trajetória literária de Ruffato, sobretudo após a publicação e o sucesso de EEMC⁴¹.

O ano de 2002 é também o ano em que Luiz Ruffato publica, com outros colegas brasileiros e portugueses, um conto na antologia⁴² *Putas. Novo conto português e brasileiro*, pela editora portuguesa Quasi, de Vila Nova de Famalicão. O livro, que não conta com ninguém como responsável direto de organizar o volume nem com uma introdução (prólogo, orelhas ou contracapa), apresenta contos de onze autores portugueses e outros onze brasileiros. Entre estes, encontramos textos de Cíntia Moscovich, Clarah Averbuck, Ivana Arruda Leite, Fernanda Benevides de Carvalho, Luiz Ruffato ("A mancha"), Marcelino Freire, Marcelo Mirisola, Nelson de Oliveira, Nilo de Oliveira e Wilson Freire. É uma forma de estabelecer relações entre os dois sistemas literários e de divulgar, no caso em Portugal, a produção feita por escritores brasileiros sobre um tema específico e com grande reclame para o mercado editorial em termos de consumo. A antologia, cuja recepção não recebeu especiais menções nos meios culturais e literários, conclui com um agradecimento especial ao escritor Marcelino Freire, "pelo empenho em tudo o que respeita à participação brasileira".

Esta nota final tem especial interesse se atendermos algumas declarações do próprio escritor M. Freire que lembra a experiência de um modo menos grato e comenta que a ideia desta antologia era ser publicada em Portugal e no Brasil; feitos os contactos prévios por meio do poeta-editor português com quem tinham explorado a ideia⁴³. Em palavras de Marcelino Freire: "O Luiz Ruffato tinha feito contacto com a Boitempo, seria uma edição portuguesa e brasileira, a Boitempo faria a mesma edição do livro *Putas* aqui no Brasil. O português desapareceu, mas como as portas da Boitempo estavam abertas para essa conversa, o Nelson de Oliveira com o Ruffato tiveram a ideia de fazer esse livro da *Geração 90*, juntar esses contistas que estão surgindo, aparecendo com força. Aí foi isso, ou seja, começou com 'Putas'... para terminar com os 'Putos' (risos)" (www.desconcertos.com.br).

Essa é a visão (sua) que Freire tem da antologia publicada pela Quasi e da aparição da conhecida e comentada antologia *Geração 90: manuscritos de computador* (os melhores contistas brasileiros surgidos no final do século XX), organizada por Nelson de Oliveira e publicada em 2001, pela Editora Boitempo de São Paulo. Na introdução à coletânea, "Contistas do fim do mundo", N. de Oliveira estabelece uma série de reflexões que ligam a atual produção contística ao boom da década de 1970 (ligações que nós ampliamos a outros aspectos), tenta definir os critérios de seleção dos autores e autora (Moscovich) escolhidos, faz repasse das propostas temáticas e estilísticas mais destacadas e, no fim, uma menção especial para Ruffato e Freire⁴⁴: "Agradeço também a Luiz Ruffato, que me convenceu de que a concretização deste antigo desejo - o retrato dos contistas que deram rosto à década de 1990 - era algo factível, e a Marcelino Freire, pelo título da antologia" (OLIVEIRA, 2001, p. 13).

A antologia assentava a controvérsia sobre a etiqueta geracional, a que, nas próprias orelhas do livro, alude João Alexandre Barbosa: "uma vaga geração de 90". O termo, utilizado já com frequência na imprensa, aparece também em alguns trabalhos académicos⁴⁵.

A etiqueta contribui, como podemos ver, para chamar a atenção sobre um grupo de produtores e os seus produtos - e mais ainda ao aparecer em 2003, também organizada por Nelson de Oliveira, a antologia *Geração 90: os transgressores* - e tentar estabelecer princípios de distinção dentro dos agentes -produtores- e grupos que funcionam no sistema literário. Sempre um assunto complexo, compartilhamos as palavras do teórico galego Arturo Casas, para quem "o debate teórico-crítico sobre as xeracións literárias vincúlase desde que empeza a cobrar presenza firme nos Estudos literários a un intento de sistematización do exercicio historiográfico e, en simultaneidade, á planificación e constitución dun canon local/nacional" (2004, p. 230).

A provocação está, sobretudo, nas palavras do próprio Nelson de Oliveira, que revê o tema em entrevista de 2004 e, em tom informal, comenta - apesar da extensão, consideramos interessante a referência aqui -: "O conceito de

Geração 90 foi forjado. Eu conscientemente forjei esse conceito. Porque, como você disse, é muito difícil definir nesses termos um grupo tão heterogêneo, de figuras tão díspares (...). Mas eu, um pouco malandramente, forjei esse conceito, porque eu percebo que o público precisa de facilitadores, de quem sintetize determinado painel para que ele possa compreender o que está acontecendo. Então, no auge das coletâneas-temáticas, das antologias-como *Os cem melhores contos do século*, eu forjei a Geração 90, sabendo de antemão que seria pichado logo, que o livro saísse. Vamos chamar de indução essa técnica de forjar uma geração.(...) Meu método foi mais indutivo, eu forcei a coisa a tal ponto que comencei a ver jornalistas usando a expressão 'Geração 90'. Num primeiro momento, eles estranharam: 'Que geração é essa? Luiz Ruffato não se parece com Marcelo Mirisola, nem com Marcelino Freire'. Eu concordo. Mas passados alguns meses já se começou a falar em Geração 90 na imprensa(...)" (www.foresti.locaweb.com.br).

De fato, o efeito mediático conseguiu-se e em numerosas páginas de jornais e em *sites* culturais aparecem referências e entrevistas⁴⁶ com produtores e críticos para falar da situação atual do sistema literário brasileiro, em que este assunto está quase sempre presente⁴⁷. Debate⁴⁸ que alimenta e provoca o próprio Nelson de Oliveira: "Eu criei um conceito pra chamar a atenção da mídia, eu sabia que os jornalistas iam cair matando" (www.foresti.locaweb.com.br).

Para Luiz Ruffato, diretamente implicado nas origens da antologia "com efeitos de consagração", o termo também não é indiferente. Como explica em entrevista publicada na *Folha de S. Paulo* (MACHADO, 2005): "'Geração 90' é um termo que mal ou bem vai compartimentar algo. Não tenho como negar que faça parte da Geração 90 geracionalmente, mas, se pensarmos em termos de corrente, não".

O termo circulou e circula em relação a estes autores que, como Ruffato, aparecem ligados a estas publicações, nomeadamente as organizadas por Nelson de Oliveira. Nesse mesmo âmbito, é importante destacarmos também outra iniciativa, neste caso ligada ao espaço social paulista: a revista *PS:SP*, de que saiu um único número, em 2003, com uma tiragem de 1.500 exemplares, co-editada por N. de Oliveira e Marcelino Freire. A publicação reuniu doze escritores "de São Paulo" e contou com a colaboração desinteressada do conhecido fotógrafo P. Duran. O projeto, muito bem pensado para funcionar - como de fato aconteceu - na mídia e no mercado editorial, está nas mãos de quem, na opinião do jornalista Sérgio de Sá, do *Correio Braziliense*, "conhecem bem os meandros midiáticos, a necessidade de exposição" (<http://divirta-se.correioweb.com.br>).

Ruffato⁴⁹ refere-se a esta revista como "mais uma provocação" (www.desconcertos.com.br), destacando sobretudo a idéia de grupo que está por trás da "brincadeira/provocação" (que tem, de novo, "a marca Nelson de Oliveira"). Por trás, amigos que alguns agentes chamam de "máfia paulista"⁵⁰

(e mesmo "máfia do engarrafamento") e que Luiz Ruffato, Nelson de Oliveira, Marcelino Freire...⁵¹ explicam pelo fato de se tratar de um conjunto de escritores de idades próximas que partilham espaços e inquietudes na caótica São Paulo destes anos. Funciona a idéia de grupo, com as divergências e diferenças assumidas, para o convívio, o debate e os encontros também em noites de autógrafos e colóquios; beneficiando-se, por vezes, de projetos comuns (sobretudo em forma de antologias e revista) e, em algum caso, de contatos no exterior que algum deles divulga entre os outros⁵². No círculo, Ruffato ocupa uma posição bastante central com um importante capital simbólico. Fora do círculo, e já no conjunto do sistema literário brasileiro, essa posição também está próxima de algum dos centros, como mostra o fato de funcionar, cada vez com maior frequência, como organizador e mediador de projetos literários.

Ruffato aparece como mediador entre os produtores e a editora, em uma tomada de posição que adotará em mais ocasiões. Acontece justamente por volta de 2003, quando Ruffato tem alguns problemas com os direitos autorais ao mudar da Boitempo para a prestigiada editora Record, em que ele entra como um produtor prestigiado (digamos que produtor e editora - *instituição* na nossa concepção sistêmica - legitimam-se mutuamente). Como disse outro escritor da mesma casa editorial, Antônio Torres⁵³, "hoje estou sendo publicado por uma editora grandona, a Record, que lança 30 livros por mês, um por dia!" (12/01/2002, www.luispeaze.com).

Ruffato, profissional do ofício de escritor, nesses momentos em que não pôde publicar o primeiro volume da saga do Inferno Provisório, não perde a oportunidade de continuar trabalhando, neste caso como organizador de uma coletânea. Trata-se de *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (Rio de Janeiro, Record, 2004).

Os papéis invertem-se e agora não encontramos o escritor Ruffato autor do texto que integra uma antologia, mas o escritor Ruffato responsável por organizar uma antologia. O seu prestígio no campo literário e o seu conhecimento do mesmo permitem-lhe aceder a uma série de produtoras literárias de diversos pontos do país; escritoras que ele quer dar a conhecer pelo fato de não aparecerem nas antologias que refletem a produção dos anos de 1990 (de modo claro, na organizada em 2001 por Nelson de Oliveira). "Eu só não queria que a gente publicasse a Antologia da Literatura Feminina Brasileira. Não queria esse 'feminino'. Eu queria que fosse literatura escrita por mulheres, como poderia ter sido escrita por homens" (www.tudolorota.com). De novo, temos Ruffato planejando, propondo um projeto para a editora e concretizando a idéia em dois momentos, em função dos resultados da "pesquisa" dessas mulheres que "estão fazendo a nova literatura brasileira".

25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira é uma coletânea também de contos, gênero priorizado na década de 1990 e neste início do novo século, da parte do mercado⁵⁴, dos produtores e dos consumidores no

sistema literário brasileiro. A publicação foi um sucesso e em pouco tempo saiu a segunda edição; o que provocou que organizador (Ruffato) e editora (Record) lançassem um outro volume: *+30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2005)⁵⁵. Se, como propõe o escritor e crítico literário Flávio Carneiro, "a marca da ficção brasileira atual é a diversidade. Ou, mais que isso, a convivência pacífica entre as diversas vertentes, sem o embate característico de outros períodos (...). Talvez devesse acrescentar a este um outro aspecto importante de nossa ficção contemporânea, ressaltando o papel desempenhado pelas mulheres na construção da narrativa brasileira" (CARNEIRO, 2006).

Na verdade, o incremento do número de produtoras literárias no sistema literário brasileiro é grande em relação a décadas anteriores; só comparável, talvez, em proporções ao produzido nas décadas de setenta e oitenta com a emergência de escritoras que também escolheram o conto como fórmula mais habitual para entrar no campo literário; e viram como os suplementos literários e as antologias favoreciam essa entrada⁵⁶. O critério que Ruffato declara para a seleção de autoras é o de terem começado a publicar prosa de ficção a partir de 1990 (RUFFATO, 2004a)⁵⁷.

De novo, encontramos a posição do escritor-intelectual que, para além de organizar o volume, faz uma revisão historiográfica da literatura brasileira por meio da autoria feminina. As suas indicações da produção mais recente são pinceladas que, de algum modo, completa na coletânea que organiza em 2005 (RUFFATO, 2005) e Flávio Carneiro, no artigo de 2006, "As escritoras da nova ficção brasileira". Este último tenta mostrar as diferenças entre aquelas e estas escritoras que emergem no campo literário ao indicar, como proposta com que, em conjunto, concordo: "livres da necessidade de levantar bandeiras (...), as escritoras do Brasil atual podem se lançar a outros vãos" (CARNEIRO, 2006). O campo literário brasileiro atual alarga-se em número de produtores e de produtos, e é aí onde estas produtoras adotam diferentes tomadas de posição individuais, em homologia ou não com os seus colegas de ofício.

As antologias funcionaram em termos mercadológicos e de legitimação de produtoras de diferentes lugares do Brasil que passaram a ser resenhadas e estudadas em meios especializados.

O sistema literário brasileiro apresenta-se, em palavras da responsável da editora Record, Luciana Villas Boas, após a década de 1980 com "pouca produção e de pouquíssimos nomes", "nos últimos anos, as coisas melhoraram, com nomes como Ana Miranda, Cíntia Moscovitz e Luiz Ruffato, por exemplo" (CORCI, 2004). Entre as mudanças que ela indica e que, neste ensaio podemos verificar, nos últimos anos do século XX e inícios do novo: "Pude perceber que houve por parte do público, uma melhor acolhida dos autores brasileiros (...). Obviamente que a situação da economia permitiu que houvesse também este crescimento, já que obras de literatura estrangeira se tornaram mais caras. Porém, acredito que o fundamental de toda a questão

está justamente na oferta de bons livros e nesta mudança de comportamento do leitor, agora mais afeito a obras nacionais" (idem, ibidem).

Vimos como, de inícios de 1990 até agora, as possibilidades de novos produtores literários entrarem no campo são maiores, produziu-se um incremento no número de produtores e de produtos⁵⁸, diversificaram-se as formas de circulação no mercado editorial (com experiências como as edições em blog)⁵⁹, ampliou-se o mercado/instituição, os consumidores ainda não demandam maiores tiragens dos produtos... Mesmo assim, e coincidimos com a editora Villas Boas: [A literatura brasileira] "tem que ter mais de tudo. Mais Rubem Fonseca, mais Machado de Assis, mais leitores, mais escritores e mais gêneros literários. Falta muita coisa ainda, infelizmente" (idem, ibidem). Quanto às escolhas repertoriais, comprovamos que há uma importante priorização do gênero conto, como também aconteceu na década de 1970, e, em opinião de um número destacado de produtores e críticos, predomina (quanto à ficção) uma visão naturalista⁶⁰ (de novo com ecos do período pós-64, mas com outras marcas).

Apesar dos problemas de distribuição do livro que referem editores e produtores, a situação do mercado editorial brasileiro oferece novas possibilidades para os produtores que entram no campo literário. Percebe-se, por exemplo, uma recuperação de espaço em revistas literárias e suplementos especializados de jornais a partir de meados da década de 1990 (nomeadamente a partir da aparição da revista *Cult*). Coincidimos com o jornalista Cláudio Willer ao indicar que: "Ao longo dos últimos anos, houve um crescimento na quantidade e qualidade das revistas literárias brasileiras, bem como de suplementos e jornais igualmente dedicados à poesia, narrativa em prosa e crítica. Isso, focalizando apenas aquelas impressas. Eletrônicas, então, nem falar" (www.revistazunai.com.br).

Ao serem interrogados membros dessa chamada "geração 90" pela situação da atual literatura brasileira costumam esboçar um panorama otimista como este que descreve o próprio Ruffato: "LR - Acho que estamos vivendo um período extremamente importante na literatura brasileira. Devido a uma feliz conjugação de fatores, temos público, editora e autores. E estamos produzindo. O que vai surgir daí, ainda não sei. Sei apenas que essa nova geração conseguiu escancarar as portas dos suplementos literários, das universidades, das livrarias. E isso não é pouco. E agora aos poucos estamos conquistando mercado no exterior. Essa é uma verdade inquestionável. O que mudou, na minha opinião, foi a postura do autor brasileiro, que não tem medo mais de encarar a literatura como profissão e vai à luta" (CORCI, 2005).

Aponta Ruffato para alguns dos macro-fatores que funcionam no sistema literário brasileiro e que, na linha do que vamos conhecendo, permitem entender melhor as linhas-de-força que funcionam atualmente no sistema. Propostas que se complementam com iniciativas como o dossiê que publicou, já iniciado o século XXI, a revista *Trópico* sob o título "Quem é quem na nova

prosa brasileira: conheça 26 autores de ficção do país”, da autoria de Carolina Stanisci (www.uol.com.br/tropico).

Nesse hipotético “quem é quem”, a figura de Ruffato como profissional da literatura adota diferentes formas. Tem publicados: *O homem que tece* (1979), *Cotidiano do medo* (1984), *Histórias de remorsos e rancores* (1998), *(os sobreviventes)* (2000), *Eles eram muitos cavalos* (2001), *As máscaras singulares* (2002), *Os ases de Cataguases* (2002), *Mamma, son tanto felice* (Inferno Provisório, v. I, 2005), *O mundo inimigo* (Inferno Provisório, v. II, 2005) e *Vista Parcial da Noite* (Inferno Provisório, v. III, 2006). Participa das antologias *Novos contistas mineiros* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988), *21 Contos pelo telefone* (São Paulo, DBA, 2000), *Geração 90 - manuscritos de computador* (São Paulo, Boitempo, 2001) e *Os apóstolos - doze revelações* (São Paulo, Nova Alexandria, 2001, organização de Márcia Denser), *Putas. Novo conto português e brasileiro* (Quasi, Vila Nova de Famalicão), *Tarja preta* (Pedro Bial, Adriana Falcão, Luiz Ruffato, Jorge Furtado, Márcia Denser, Jorge Mautner e Isa Pessôa; Rio de Janeiro, Objetiva, 2005). E organiza as antologias: *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2004) e *+30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2005) e, com Simone Ruffato (2004), *Fora da ordem e do progresso*.

Para além disso, participa de encontros e eventos literários e culturais diversos (e numerosos): “Encontros Literários e Leituras Encenadas” organizados pela Escola da Magistratura (EMERJ) do Rio de Janeiro (2005, 2006), de Bienais do Livro, da Festa Literária de Paraty (Flip; 2003 e 2005), do Encontro “A literatura latino-americana do século XXI”, organizado por Beatriz Resende também em 2005, da “embaixada cultural e artística” que participou na Copa da Cultura na Alemanha na altura do mundial de futebol de 2006⁶¹ ou do FLAP⁶² 2006, em São Paulo etc.

O elevado capital simbólico que Ruffato atingiu no campo literário brasileiro se verifica nestas participações assim como no papel de mediador e legitimador que adota ao prefaciá-lo o livro de um jovem escritor angolano, Ondjaki, no lançamento da edição brasileira do romance *Bom dia camaradas* (Agir, 2006), já traduzido para o francês, o espanhol e o alemão; e é ele também quem apresenta a publicação brasileira (nesta editora Horizonte, em 2006) de *Periferias*, do autor galego Carlos Quiroga⁶³. E, de novo como organizador de uma antologia, em 2006, ao publicar em Alfabeta (selo da editora Objetiva, no Brasil), poemas e textos de Pessoa no livro *O homem que tinha urgência de viver*, com prefácio do próprio Ruffato, bom conhecedor do poeta português. Também na editora Objetiva, em 2005, Ruffato participa da antologia de sete textos *Tarja preta*, junto com Pedro Bial, Adriana Falcão, Jorge Furtado, Márcia Denser, Jorge Mautner e Isa Pessôa.

Ruffato adota uma tomada de posição parecida (mas com matizes bem diferentes) ao converter-se em organizador e apresentador do livro de Luiz Fernando Emediato, *Trevas no paraíso*. Histórias de amor e guerra nos anos de chumbo (São Paulo, Geração Editorial⁶⁴, 2004). Emediato é um jornalista

e escritor mineiro que desenvolve boa parte da sua produção literária no período do AI-5. O autor, ganhador de vários prêmios, escreveu histórias que contavam, por meio, por vezes, de alegorias, de recursos do realismo maravilhoso ou da prosa-reportagem, o cotidiano nos difíceis “anos de chumbo”, focando assuntos que falavam de juventude, de erotismo, de tortura e morte e com técnicas que dialogavam com o jornalismo (formal e estilístico)⁶⁵. Emediato viu seus textos premiados, censurados e publicados por algumas das editoras mais marcadas na linha do “contra-regime”; mas, após anos de luta contra algumas das estratégias que o campo do poder político utilizava para controlar o campo literário e cultural, Emediato resolveu deixar de publicar contos e continuar com o ofício de jornalista. Ruffato, autor do prefácio “Por que ler Emediato, hoje?” (2004b:9-17), refaz parte da trajetória literária deste autor mineiro, e explica: “Foi com o intuito de recuperar o autor para as novas gerações que propus a publicação deste volume, aceita com reserva inicialmente, com excitação ao final” (2004b, p.16).

De novo, outro círculo esboçado que parece fechar-se. No final deste prefácio lemos: “LUIZ RUFFATO é escritor, autor de EEMC”; e essa indicação é suficiente para legitimar o produto que se apresenta. Quem era autor “polêmico” e com um capital simbólico importante em 1984, ano em que ele publica *Verdes anos* e Ruffato *Cotidiano do medo*, é agora resgatado para as dinâmicas que vive na atualidade o sistema literário brasileiro com um apelo em forma de nostalgia, memória resgatada e reconhecimento.

E mais, no mesmo ano e na mesma editora, Luiz Ruffato e Simone Ruffato organizam o livro *Fora da ordem e do progresso* (2004, Geração de Comunicação Editorial), primeiro volume da coleção “Histórias do Brasil”, em que tratam da formação política do Brasil por meio de contos de escritores “de ontem e de hoje” (Bernardo Guimarães, Machado de Assis... João Gilberto Noll etc.), em ordem cronológica inversa (de mais novos a mais velhos). De novo, o tema da política como fio condutor.

Considerações finais

Ruffato e Emediato; Ruffato e Ivan Ângelo, Ruffato e Loyola Brandão; Ruffato e as revistas *Escrita*, *Ficção*, *José...* Diálogo com a geração 70 que Ruffato diz ser opção de Fernando Bonassi em *Subúrbio* (Ruffato, 2006, *O Globo*) mas que também é a dele. Eles falavam de direitos para o produtor literário e buscavam a via da profissionalização, em alguns casos, como meio de legitimação⁶⁶; ele falava do mesmo e decidiu apostar pelo ofício. Aqueles anos de 1970 em que ele entra no campo literário (e que retrata em momentos do Inferno Provisório) e estes anos de 1990 (e 2000) em que ocupa uma posição central, em um dos centros que convivem com outros (nas habituais dinâmicas sistêmicas) em que os prestigiados são justamente João Gilberto

Noll, Rubem Fonseca, Nélida Piñon, Antônio Torres, Loyola Brandão, Sérgio Sant'Anna... E, como círculos que convivem no campo literário, uns produtores ocupam posições que simbolicamente atraem outros produtores (é o caso, por exemplo, de Ruffato como organizador das coletâneas de autoria feminina).

De modo que a trajetória literária do autor de Cataguases mostra, nestes momentos, um produtor literário que adota tomadas de posição menos autônomas do que em outros momentos dessa trajetória; adotando, em determinados momentos, posições heterônomas.

Como marca da posição que ocupa atualmente no campo literário brasileiro, destacamos o fato de o autor tentar transmitir idéia de coerência na sua trajetória, de círculo em que estão as peças que ele considera que devem estar, no olhar de uma visão retrospectiva com orientação clara: "Toda a minha obra, acredito, dialoga, porque a minha intenção é de organizar uma obra aberta, em que as partes se intercomuniem, com a participação efetiva do leitor. Então, EEMC é uma face do Inferno Provisório. Não houvesse aquele livro, que me possibilitou o rompimento formal com as estruturas do romance tradicional, muito provavelmente não teria coragem de encetar a escritura do Inferno Provisório, que retorna e radicaliza certos procedimentos. Portanto, EEMC é uma experiência reflexiva sobre a precariedade. E Inferno Provisório é uma reflexão sobre o intercâmbio das histórias com a História" (SANDRINI, 2006, p. 55).

Ao analista e ao leitor crítico de trajetórias ficam leituras "sem intenções"... e "EEMC".

Notas

¹ Agradeço a Marguerite Itamar Harrison o convite para participar deste livro e, de modo especial, a amizade e colaboração de Luiz Ruffato.

² Neste sentido, o livro de Flávio Carneiro *No país do presente* (2005) ou as antologias do próprio Nelson de Oliveira sobre a Geração 90 (2001 e 2003) são importantes; como também alguns trabalhos que já aparecem no meio acadêmico.

Sobre a crítica literária nos últimos anos e alguns apontamentos relativos a palavras de Nelson de Oliveira, ver: "A demissão-da crítica", de Paulo Franchetti.

³ Aceitando a proposta de Even-Zohar (1990) para os macro-fatores que funcionam em um sistema literário.

⁴ Este conceito complexo refere-se ao "système de dispositions qui, étant le produit d'une trajectoire sociale et d'une position à l'intérieur du champ littéraire (etc.), trouvent dans cette position une occasion plus ou moins favorable de s'actualiser" (BOURDIEU, 1991, p. 6).

⁵ Um bom exemplo é a 'ficha' que, sobre o autor, apresenta a edição de seu último livro, *Vista parcial da noite* (Inferno Provisório. V. III, São Paulo, Record, 2006). Nessa lista de referências de livros da sua autoria e de prêmios, o primeiro deles é *Histórias de remorsos e rancores*.

⁶ De fato, não foi possível localizar a editora em que foi publicado; e foi o próprio Ruffato quem, muito gentilmente e por meio do correio eletrônico (janeiro, 2007), indicou-me que saiu numa edição da Roseta Edições, de Juiz de Fora: "um nome de fantasia para uma editora que não existia".

⁷ "Ruffato, jornalista de profissão, estreou na literatura como poeta, com o livro de poemas *O homem que tece* (1979)".

⁸ "Ele começou como muitos outros escritores, com livros de poesia: *Cotidiano do medo* e *O homem que tece*" (Roberti/Silva).

⁹ Ver Bourdieu (1985).

¹⁰ No sentido em que a entende Itamar Even-Zohar (1990, p. 37).

¹¹ Foi também o próprio Ruffato quem, muito gentilmente e por meio do correio eletrônico (janeiro, 2007), indicou-me que saiu em uma edição da Mandi Edições, de Alfenas, MG: "um nome de fantasia para uma editora que não existia".

¹² Com o risco de cairmos na "ilusao biográfica" de que "nos adverte" Bourdieu (1994).

¹³ " - Claudinei Vieira - E a tua literatura no meio disso? Você começou com poesia.

Luiz Ruffato -, mas não era uma coisa profissional. Eu acho que minha estréia in mesmo no crime foi *Histórias de remorsos e rancores*. Antes, não existia um projeto, aquilo faz parte de uma preparação para algo que depois viria a acontecer. Fiquei uns dez anos sem escrever absolutamente nada, sem publicar nem poemas, nem meus contos lá em Minas, saindo numa antologia no Rio Grande do Sul chamada *Novos contistas Mineiros*, de que participei, mas até ali não tinha muita consciência do que eu queria, inclusive acho que não tinha nenhuma consciência do que significava literatura para mim." (<http://www.desconcertos.com.br>).

¹⁴ Como sabemos, na tradição literária brasileira - e não só - o ofício de escritor e de jornalista conviveram na biografia de uma boa parte dos produtores literários, como estudou de modo exaustivo a editora do caderno *Idéias* - do *Jornal do Brasil* - Cristiane Costa, em sua Tese de Doutorado *Escritores jornalistas no Brasil - 1904-2004*, defendida em 2004 na UFRJ. Nos últimos anos tínhamos - em opinião de C. Costa - "uma nova safra de jornalistas escritores com orientações e preocupações distintas dos seus predecessores, com ênfase para Bernardo Carvalho, Marçal Aquino e Luiz Ruffato" (LIMA, 2004).

¹⁵ <http://www.tudolorota.com.br>; <http://www.vermelho.org.br>; etc.

¹⁶ Ver Holanda/Matos, 2006.

¹⁷ Versões parecidas do processo em duas entrevistas: 1) (*Histórias de remorsos e rancores*) "Era tido como um livro de contos, o que eu não queria. Mas mandei umas trinta cópias para trinta editoras e 90% delas nem responderam. Quem acabou publicando o livro foi a Boitempo" (Holanda/Matos, 2006). 2) "Mas, até publicá-lo (*Histórias de remorsos e rancores*) foram diversas tentativas. Eu não iria bancar. Só lançaria se tivesse uma editora", diz. E, enviou o pedido para vinte. 'Quinze nem sequer me deram resposta e as outras cinco disseram não', conta. Como é persistente, antes de viajar para Europa, decidiu enviar a proposta para mais vinte editoras. Três delas se interessaram e Ruffato pôde escolher" (ZOCHE, 2005).

¹⁸ O poeta gaúcho Fabrício Carpinejar confirma também que, "ao contrário do que atualmente se acredita, é possível viver da literatura" (BORGES, 2006).

¹⁹ "Foi programático mesmo, e comecei a estudar maneiras, os procedimentos técnicos para isso" (www.tudolorota.com.br). Refere-se à ausência do operário e do trabalhador em geral nos textos literários brasileiros.

²⁰ Em palavras do seu colega Marçal Aquino, também em posições próximas de alguns dos centros do sistema literário brasileiro hoje, "Pessoalmente, acompanho com atenção a trajetória de vários autores contemporâneos. Entre eles, um destaque é Luiz Ruffato, escritor da minha geração com um claro projeto literário e, mais que isso, com profundas marcas de humanismo naquilo que escreve. No momento ele está envolvido com uma realização arrojada: um conjunto de cinco livros intitulado *Inferno Provisório* (...)". (<http://maldemontaño.wordpress.com>).

²¹ "O livro (*Histórias de remorsos e rancores*) foi bem vendido e a editora teve interesse em publicar o segundo, intitulado como (*os sobreviventes*)" (ZOCHE, 2005).

²² "Eles eram muitos cavalos, mais que um livro, é uma experiência a não perder" (CRISTÓVÃO, <http://www.novacultura.de>).

²³ Para o contista Estevão Azevedo: "romance!?" (www.geocities.com).

²⁴ Citamos, como exemplo de algumas resenhas, as seguintes: Flávio Aguiar, "O mal-estar da linguagem", *Zero Hora* 2, Março, 2002, Cultura, 7. Cecília Costa, "Ousado, realista e sonhador" *O Globo* 24, Dezembro, 2001, Segundo caderno, 1-2. Regina Dalcastagnè, "Um dia, em São Paulo", *Correio Braziliense* 7, Outubro, 2001, Pensar, 10; Beatriz Resende, "São Paulo, SP", *Babel Livros* 3, Outubro, 2001. Flávio Carneiro, "A palavra como arma". In: Carneiro, 2005, p. 69-72.

²⁵ Das ligações com o hipertexto e o *zapping* televisivo fala Ana Cláudia Viegas; da ligação entre texto literário e crítica social: Carneiro (2005); e, da cidade, em diferentes aspectos: dos "flashes" da megalópole (e...), Harrison (2005); da cidade como parte e como tudo, Sônia van Dijck (2001); da São Paulo de EEMC e outras cidades, Dalcastagnè (2001, 2003); Santos (2003) etc.

²⁶ Cartas e mapas encontrarão os leitores, com certeza, neste livro... e, sobretudo, em EEMC.

²⁷ E, agora, pronta uma quarta; e, em breve, uma tradução para o alemão.

²⁸ Onde participou, em Setembro de 2004, no lançamento da edição italiana, *Come tanti cavalli*, tradução de Patrizia di Malta e Bevivino A. Torreguitart Ruiz. Em palavras de P. di Malta, tradutora e divulgadora da literatura brasileira no Brasil nos últimos anos (organizadora também da antologia de narrativa erótica brasileira *Sex'n'Bossa*), Ruffato é: "Autore radicale, innovatore e sperimentatore poço conosciuto in. Itàlia anche a causa di certa stampa e negozianti. Che non prestano attenzione a chi non há grandi gruppi editoriali alle spalle" (<http://musibrasil.net/articolo.php?id=1218&print=1>). Último acesso: 16/01/07.

²⁹ Participou, entre outros, do "International Literaturfestival Berlin", em setembro de 2006.

³⁰ Ruffato e Adriana Lisboa foram os representantes brasileiros no Encontro de Escritores que se organizou durante a celebração do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas na Universidade de Santiago de Compostela (18-23 Julho 2005).

³¹ Participou, como convidado, do Encontro Literário "Correntes d'Escritas" na Póvoa do Varzim, em fevereiro de 2006. A imprensa e os programas de televisão especializados ofereceram também entrevistas com o autor.

Das resenhas publicadas na imprensa selecionamos a de José Mário Silva, no Suplemento 6^o, do *Diário de Notícias* (31/03/06) e o seu "Aviso aos incautos": "Este livro é um labirinto. É um *tour de force*. É um jogo de espelhos. É um caleidoscópio partido. É um *trompe l'oeil*. Pode entrar-se nele no início, a meio ou no fim. É indiferente. O resultado será sempre o mesmo porque deste inferno não há saída. O romance imita a cidade: é megalômano, triturador, ávido, gargantuesco. É um buraco negro que devora a paisagem, cada vez mais depressa. Um palimpsesto interminável".

³² Ver <http://www.fabricasaopaulo.com.br/articles.php?id=118&PHPSESSID=5194676e8daa3>. Último acesso: 09/01/07; e também: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u31959.shtml>. Ver Harrison (2005).

³³ Ver Mello (2006). Como dado de interesse, citamos o fato de o professor Jefferson Agostini Mello, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, escolheu como leitura obrigada para os/as alunos/as da disciplina "Arte, Literatura e Cultura no Brasil" (da sua Escola na USP) o *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato, no tema: "Pós-modernismo periférico". Não é o único; mas é uma amostra da legitimação que lhe concede o espaço acadêmico.

³⁴ Ver, entre outros, <http://www.bravoonline.com.br/noticias.php?id=2135> (Luís A. Fischer, "Memória remota da pobreza"); <http://www.revista.agulha.nom.br/lruffato5.html> (Cláudia Nina, "As fronteiras existenciais de Ruffato"); <http://www.paralelos.org/out03/000684.html> (Ronize Aline, "Luiz Ruffato e seu inferno provisório"); http://www.desconcertos.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=81&it (Claudinei Vieira e Fransueldes de Abreu, entrev.); <http://www.speculum.art.br>; <http://www.tudolorota.com.br/entrevistas3.htm> etc.

³⁵ Sempre com a prudência de não cairmos nos "perigos" da "ilusão biográfica"...

³⁶ Sem esquecer também a presença de imigrantes - italianos e nordestinos-

³⁷ Autor naturalista que - além da tentativa de se constituir em escritor profissional - também tinha - e disto poucas vezes se fala - o projeto de retratar uma *comédie humaine* à brasileira em vários volumes: "o romancista não soube levar a efeito um vasto plano narrativo que viria a constituir-se na comédia humana do Segundo Reinado, sob o título geral de *Brasileiros Antigos e Modernos*. A série ficou no primeiro volume, justamente *O Cortiço*" (BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 191).

³⁸ A jornalista e escritora Ronize Aline lembra, em uma entrevista (www.paralelos.org), que "em entrevista ao caderno *Cultura do Estado de São Paulo* do dia 06/03/2005, Fabrício Carpinejar citou EEMC ao lado do *Lorde*, de João Gilberto Noll, como livros publicados nos últimos dez anos que mereciam a honraria de clássicos".

³⁹ Ver Santos (<http://rascunho.ondarpc.com.br>)

⁴⁰ Mas, como sabemos, encontramos neles (na experimentação habitual do autor) versos também no discurso "aparentemente em prosa"; como se observa em EEMC (textos 7, 10, 45, 47...).

⁴¹ "É possível que, ao deparar com o novo livro do escritor mineiro Luiz Ruffato, a coletânea de poemas 'As máscaras singulares', lançada pela Boitempo, o leitor espere encontrar algo radicalmente inovador - similar, nesse aspecto, ao romance EEMC, livro anterior do autor" (MARQUES, 2002).

⁴² Já participou com contos em outras antologias: *Novos Contistas Mineiros* (Porto

Alegre, Mercado Aberto, 1988), *21 Contos pelo Telefone* (São Paulo, DBA, 2000), *Geração 90 - Manuscritos de Computador* (São Paulo, Boitempo, 2001) e *Os Apóstolos - Doze Revelações* (São Paulo, Nova Alexandria, 2001, organização de Márcia Denser).

⁴³ http://www.desconcertos.com.br/index2.php?option=com_content&task=view&id=92&. Entrevista a Marcelino Freire. Último acesso: 09/01/07.

⁴⁴ Organizador, também, da coletânea de minicontos, *Os cem melhores contos do século*, na coleção Cinco Minutinhos da Ateliê Editorial, 2004.

⁴⁵ Ver, como amostra, a Dissertação de Mestrado de Adriano Davanço Quadrado (2006), *Inferno pós-moderno. Mareas da contemporaneidade em Hotel Hell e outras obras da Geração 90*. É este próprio pesquisador quem indica que o termo "Geração 90" começou a aparecer na imprensa em 2000: A primeira matéria da *Folha de S. Paulo* que faz menção ao termo é de 18.11.2000. Sob o título "Coletânea é amostra significativa da ficção atual", o jornalista Bernardo Ajzenberg cita os escritores Marçal Aquino, João Carrascoza, José Roberto Torero e Marcelo Coelho como membros da "geração 90", naquele momento grafada assim, em minúsculas (QUADRADO, 2006, p. 45).

⁴⁶ Como amostra, as entrevistas organizadas em 2003 para o iGler: "Foi a antologia organizada por Nelson de Oliveira que motivou nossas conversas com os novos autores da literatura brasileira para uma série de entrevistas realizadas em 2003 para o iGler. O próprio nome do livro já é instigante: 'Geração 90: manuscritos de computador' [Claudinei Vieira]. http://www.desconcertos.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=88. Último acesso: 14/12/06).

⁴⁷ Para o professor, escritor e crítico literário Flávio Carneiro (www.flaviocarneiro.com) perante a pergunta: [-Você acredita que essa é uma geração de 'transgressores', como a chamou Nelson de Oliveira?]:

- FC - Pelo que já li na imprensa, nem o próprio Nelson acredita nisso. Foi uma estratégia de marketing, uma tentativa de colocar no mercado autores que ele considera de valor e que estavam sem espaço. Conceitualmente falando, não acredito na ideia de geração, e acho inclusive que ela é nociva para a ficção que se faz hoje, justamente porque "geração" sugere certa marca de grupo, certa uniformidade, e a grande riqueza da ficção atual é não ser uniforme, ser múltipla.

⁴⁸ Jorge Rocha, em resenha da antologia *Geração 90: os transgressores*, explica: "A organização desta coletânea já seria suficiente para fazer com que Nelson de Oliveira ostentasse esta alcunha. Mas a ideia de enquadrá-la em uma geração específica e adjetivá-la criou uma certa polêmica no chamado meio literário - o que não deixa de ser um marketing e tanto; ainda bem. São inúmeras as pendengas em relação aos termos 'geração 90' e 'transgressores' que podem, em certos momentos, desviar o foco da qualidade dos textos reunidos para uma discussão de fundo - e daí, para a masturbação filosófica, é um pulo" (Rocha, www.paralelos.org).

⁴⁹ E não é o único. http://www.desconcertos.com.br/index2.php?option=com_content&task=view&id=92&...

⁵⁰ Marcelino Freire indica como "responsável" pela etiqueta a Ítalo Moriconi: "Quando a gente estava na Primavera dos Livros (evento que congrega várias editoras de pequeno porte), eu, Nelson e Mirisola, o Morriconi falou que nós formávamos uma 'máfia paulista' e aí a gente até pensou em dar o nome da revista 'Máfia' (...)." http://www.desconcertos.com.br/index2.php?option=com_content&task=view&id=92&...

⁵¹ "E por uma razão que até não saberia te explicar, porque existe um pessoal que

faz parte dessa tal Geração 90, e mais algumas pessoas que não estão lá. Isto é, a gente se conhece, bate papo e tudo acaba criando um vínculo extraliterário" (http://www.w.desconcertos.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=81&It...)

⁵² Se acreditarmos nas palavras de Ruffato: "Eu tenho uns contatos com o exterior, toda vez que alguém vem aqui, sempre convido o pessoal para a gente se encontrar. No ano passado, foram três encontros, (...). Sabe, encontros para tentar estabelecer alguns vínculos de crescimento..." http://www.desconcertos.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=81&It...

⁵³ Um dos produtores literários com destaque no sistema literário brasileiro já na década de 1970 e que ocupa ainda hoje posições centrais no mesmo.

⁵⁴ Como amostra pode servir o sucesso do volume organizado por Ítalo Moriconi, *Os cem melhores contos brasileiros do século*, São Paulo: Objetiva, 2000. Mas se revisarmos as dinâmicas sistêmicas da década de 1960 no Brasil encontramos várias referências ao sucesso de estratégias comerciais parecidas (VILLARINO, 2004b).

Ver também: Carneiro, 2005, p. 31-32; Oliveira, 2001, p. 9-12; <http://maldemontano.wordpress.com/tag/entrevistas/> (entrevista Marçal Aquino, 2006).

⁵⁵ Ver Cristina Zarur "+30 mulheres, organizadas por Luiz Ruffato", *O Globo On Line*. http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/resenha_ver.asp?id=298. Último acesso: 28/12/06.

⁵⁶ Como amostra, esta manchete do *Jornal do Brasil*, de novembro de 1978: "Antologias: um negócio que dá certo. Principalmente quando o tema é mulher", Beatriz Bonfim.

⁵⁷ Critério que, entre outros, diferencia estas coletâneas da organizada por Lúcia Helena Vianna e Márcia Lígia Guidin, *Contos de escritoras brasileiras*, São Paulo: Martins Fontes, 2003; em que prevalece a ideia de selecionar contos de autoria feminina da história da literatura brasileira.

⁵⁸ "Há muito não se via aparecer tanta gente jovem escrevendo ao mesmo tempo e com um comportamento tão saudável. Mas, para ser sincero, voltei, ontem, 10 de julho de 2004, do Festival de Paraty, com a sensação de que se está escrevendo demais. É preciso que essa 'quantidade' se transforme numa exigência cada vez maior de qualidade" (RESENDE, 2005). Pode parecer que se trata de sensações 'pessoais', mas há outros que partilham a opinião de Sérgio Sant'Anna e trata-se de um produtor já consolidado no sistema literário brasileiro...

⁵⁹ Ver http://germinaliteratura.com.br/pcruzadas_no_ago2006.htm. (Entrevista Nelson de Oliveira) e <http://www.foresti.locaweb.com.br>. Como exemplo de texto previamente publicado em blog está a novela *Hotel Hell*, de Joca Reiners Terron, posteriormente publicado na coleção "Tumba do Cânone" da editora Livros do Mal.

⁶⁰ <http://maldemontano.wordpress.com/tag/entrevistas> (entrevista Marçal Aquino); http://revistavagalume.com/destaque/entrevista_jose.castello_imp.htm (José Castello).

⁶¹ O responsável pela parte relativa a encontros de escritores foi Flávio Carneiro. <http://www.agenciaiff.com.br/diario/default.asp?mes=4&ano=2006&menu=Journal>. Último acesso: 09/01/07; www.copadacultura.gov.br/page/imprensa_detail.asp?cod=33. Último acesso: 09/01/07.

⁶² Festa Literária, organizada por escritores ligados ao "Projeto Identidade". <http://>

//clareira.naselva.com/2006/08/cobertura-flap2006-sp/print. Último acesso: 09/01/07.

⁶³ Ruffato, Quiroga e Ondjaki coincidem – pela primeira vez os três, e une-os agora uma boa relação de amizade – em Santiago de Compostela, em julho de 2005, no decurso do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas (organizado por Rodríguez/Torres/Villarino). E coincidem de novo no Encontro das “Correntes d’Escritas”, em 2006.

⁶⁴ Editora que abriu o próprio Emediato após ter abandonado a profissão de jornalista em início da década de 1990 e de ter-se dedicado a fazer consultoria política. <http://geracaobooks.locaweb.com.br/releases/impresso.php?id=28>. Último acesso: 08/01/07.

⁶⁵ Do tipo de Zero, de Loyola Brandão, e, em certo modo, de EEMC no trabalho de fontes que Ruffato faz com as notícias de jornal.

⁶⁶ Ver Barbieri (2003) e Villarino (2004a).

Bibliografia

RONIZE, Aline. “Luiz Ruffato e seu inferno provisório” (entrevista). <http://www.paralelos.org/out03/000684.html>. Último acesso: 23/12/06.

AZEVEDO, Estevão. “Literatura refletindo o tempo: a prosa indefinível de Luiz Ruffato”, <http://www.geocities.com/estevaoazevedo/ruffato.html?20078>. Último acesso: 29/12/06.

BARBIERI, Therezinha. *Ficção impura. Prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.

BORGES, Júlio Daio. “Fabrício Carpinejar” (entrevista), 6/11/2006. <http://www.digestivocultural.com/entrevistas/imprimir.asp?codigo=7>. Último acesso: 09/01/07.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985.

_____. “Le champ littéraire”, *Actes de la recherche* 89. Septembre, 1991, p. 4-46.

_____. *Raisons Pratiques. Sur la théorie de l’action*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

CARNEIRO, Flávio. *No país do presente. Ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. “As escritoras da nova ficção brasileira”, 22/07/2006. <http://portalliteral.terra.com.br/Literal/calandra.nsf/0/074D518C50EE3F62032571B300...> Último acesso: 27/12/06.

CASAS, Arturo. “A cuestión xeracional e o canon no marco dunha nova períodoloxía comparada”. In: RODRIGUEZ, Amado T. et alii (orgs.). *Iucundi acti labores. Estudos em homenagem a Dulce Estefanía Alvarez*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións da Urúv. de Santiago de Compostela, 2004, p. 230-238.

CORCI, Danilo. “Literatura-‘Best sellers não são fabricados” (entrevista a Luciana Villas Boas), 21/12/04. <http://www.brpress.net/noticias.asp?cod=8060>. Último acesso: 18/01/07.

_____. “Infernos provisórios de Luiz Ruffato”, <http://br.news.yahoo.com/050527/11/uei4.html>. Último acesso: 03/01/07.

COSTA, Cecília. “A comédia infernal de Luiz Ruffato”, 27/10/2006, <http://www.abi.org.br/printcolumnistas.asp?id=552>. Último acesso: 08/01/07.

CRISTÓVÃO, Luís Filipe, “Eles eram muitos cavalos, Luiz Ruffato” (resenha). In: <http://www.novacultura.de/0603ruffato.html>. Último acesso: 08/01/07.

CUNHA, Rodrigo Ennes de. “(Re)construção do herói: o migrante nordestino como

metáfora da forma em *Eles eram muitos cavalos*”, *Revista Letras* 64. Curitiba, set/dez., 2004, p. 91-101.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea”, 2003. <http://www.revistaipotesti.ufjf.br/volumes/v7n1/cap01.pdf>. Último acesso: 05/12/06.

EVEN-ZOHAR, Itamar. “Polysystem Theory”, “The ‘literary system’”, *Poetics today*. Polysystem studies 1 (spring). v. 11, 1990, p. 9-44. “Polysystem Theory” (Revisado). In: EVEN-ZOHAR (2005).

_____. *Papers in culture research*, 2005. <http://www.tau.ac.il/itamarez/works/books/ez-cr2004-toc.htm>. Último acesso: 04/01/07.

FISCHER, Luís Augusto “Memória remota da pobreza”, <http://www.bravonline.com.br/noticias.php?id2135>. Último acesso: 09/01/07.

FRANCHETTI, Paulo. “A demissão da crítica”. In: http://www.germinaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm. Última consulta 27/12/2006.

HARRISON, Marguerite Itamar “São Paulo lightning: flashes of a city in Luiz Ruffato’s *Eles eram muitos cavalos*”, *Luso-Brazilian Review*, v. 42, n. 2, 2005, p. 150-164.

HOLLANDA, H. Buarque de e MATOS, Ana Ligia, *Revista Z Cultural* 0, 10/03/06, entrevista. <http://www.pacc.ufjf.br/z/ano3/00/entrevista.htm>. Último acesso: 06/01/07; <http://divirta-se.correioweb.com.br/livros.htm?codigo=602>. Último acesso: 17/01/07.

<http://maldemontano.wordpress.com/tag/entrevistas>. (Fonte: entrevista Marçal Aquino Livraria Cultura News 148, outubro 2006). Último acesso: 02/01/07.

http://revistazunai.com.br/depoimentos_debates/pq_editar_revista_literaria_hoje.htm. Último acesso: 04/01/07.

http://www.desconcertos.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=81&Itemid=... Entrevista a Luiz Ruffato. Último acesso: 08/01/07.

http://www.desconcertos.com.br/index2.php?option=com_content&task=view&id=92&Itemid=... Entrevista a Marcelino Freire. Último acesso: 09/01/07

<http://www.luispeaze.com/auxiliar12.htm>. Último acesso: 08/01/07

<http://www.novacultura.de/0603ruffato.html>. Último acesso: 30/12/06

http://www.portcom.intercom.org.br/index.php?secao=servicos/noticias&pagina=view_... “Editoras tentam virar a página”, 02/06/2004. Último acesso: 28/11/06.

<http://www.snel.org.br/noticias/jornal252.html>. Último acesso: 16/01/07

<http://www.tudolorota.com.br/entrevistas3.htm>. Último acesso 20/12/06

http://www.viver-na-alemanha.de/index.php?option=com_events&task=view_detail&ag Último acesso: 09/01/07.

KUBOTA, Marília. http://www.germinaliteratura.com.br/pcruzadas_no_ago2006.htm. (Entrevista: Nelson de Oliveira). Último acesso: 09/01/07.

LIMA, Paulo. “Jornalistas escritores: entre a pressa e a perenidade”, entrevista a Cristiane Costa, 3/8/2004. <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=288AZL003>. Último acesso: 09/01/07.

LOPES, Carlos Herculano. “Literatura Brasileira Hoje”, *Estado de Minas*, (28/05/2005), http://www.flaviocarneiro.com.br/entrevistas/literatura_brasileira_hoje.html. (entrevista a Flávio Carneiro). Último acesso: 27/12/06.

MACHADO, Cassiano Elek. “Na boca do inferno”, *Folha de S. Paulo*, E1 e E4. (19/03/2005) (Entrevista Luiz Ruffato).

MARQUES, Fernando. “As máscaras singulares, de Luiz Ruffato”, *O Globo on-line*, 7/12/2002. <http://www.revista.agulha.nom.br/lruffato2.html>. Último acesso: 16/01/07.

MELLO, Jefferson Agostini. “Permanência do provisório”, *Novos Estudos Cebrap* 74, 2006, p. 221-231.

MYRTEZ, Adrienne. "A voz da Geração 90" (entrevista Nelson de Oliveira), 20/03/2004. http://www.foresti.locaweb.com.br/03_eraOdito/pssp.html. Último acesso: 17/01/07.

NINA, Cláudia, "As fronteiras existenciais de Ruffato", <http://www.revista.agulha.com.br/lruffato5.html>. Último acesso: 08/01/07.

NOGUEIRA, Paulo. *Revista Actual. Expresso*, 04/03/2006.

OLIVEIRA, Nelson de. *Geração 90: manuscritos de computador*, São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. *Geração 90: os transgressores*, São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. http://www.germinalliteratura.com.br/pcruzadas_no_ago2006.htm. 2006. Último acesso 09/01/07.

PELLEGRINI, Tânia. *Gavetas vazias*. Ficção e política nos anos 70. São Carlos-SP: EDUFSCar-Mercado de Letras, 1996.

QUADRADO, Adriano Davanço. *Inferno Pós-moderno*. Marcas da contemporaneidade em *Hotel Hell* e outras obras da Geração 90. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Jeanne Marie Machado de Freitas. http://www.quadrado.com/MESTRADO_Adriano_Quadrado.pdf. Último acesso: 04/12/06.

QUIROGA, Carlos. "Luiz Ruffato" (entrevista), *Agália* 83/84, 2005, p. 235-242.

RESENDE, Beatriz. "Entrevista Sérgio Sant'Anna". 2005. http://www.pacc.ufrj.br/literatura/detalhe.php?nivel1_idpk=8&news_idpk=16. Último acesso: 9/1/07.

_____. "Ficção brasileira hoje: a multiplicidade como sintoma", http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/7sem_13.html. Última consulta: 09/12/2006.

ROBERTI, Leda do Nascimento; ROSA/SILVA, Francis Paulina Lopes da. "O discurso utópico e ideológico no conto: a solução de Luiz Ruffato". In: <http://bibliotecadigita.lunec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/view/258/259>. Último acesso: 28/12/2006.

ROCHA, Jorge. "Geração 90. Trans-agressão à mesmice". <http://www.paralelos.org/out03/000004.html>. Último acesso: 16/01/07.

RUFFATO, Luiz (2001), *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. (org.). "Mulheres: a contribuição para a história literária", *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004a, p. 7-17.

_____. "Por que ler Emediato, hoje?" in Emediato, Luiz Fernando, *Trevas no paraíso*. Histórias de amor e guerra nos anos de chumbo, organização e apresentação de Luiz Ruffato. São Paulo: Geração Editorial, 2004b, p. 9-17.

_____. (org.). "Ainda algumas palavras", *+30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.9-13.

_____. "Bonassi e a dimensão política da escrita", *O Globo*, "Prosa & Verso", 21/04/2006.

SANDRINI, Paulo. "Ideologia, eu quero uma para escrever" (entrevista a Luiz Ruffato), *Et cetera*. Literatura e Arte 8, Maio, 2006, p. 50-57.

SANTOS, Márcio Renato dos. "Mais uma estação do mesmo inferno" (entrevista a Luiz Ruffato), *Rascunho*, dezembro, 2006, p. 7.

SANTOS, Maria do Carmo de Oliveira Moreira dos. Rev. of *Eles eram muitos cavalos*, by Luiz Ruffato. *Estudos de literatura brasileira contemporânea* 21, January/June 2003, p. 165-170.

SILVA, José Mário. "A cidade palimpsesto" (resenha de *Eles eram muitos cavalos*), Suplemento 6º, *Diário de Notícias*, 31/03/2006. http://morel.weblog.com.pt/2006/04/a_cidadepalimpsesto.html. Último acesso: 28/12/06.

SOUZA, Ângela Leite de, "Luiz Ruffato, o escrevedor de histórias" (entrevista). http://www.vermelho.org.br/museu/principios/antiores.asp?edicao=61&cod_not=99. Último acesso: 09/01/07.

_____. *Quem é quem na nova prosa brasileira: conheça 26 autores de ficção do país*. <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/print/2077.htm>. Último acesso: 08/01/07.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

VAN DIJCK, Sônia. "Cavalos humanos", *Suplemento Literário* 77, Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, Novembro, 2001, p. 29. <http://www.soniavandijck.com/ruffato.htm>. Último acesso: 20/12/06.

VEIGAS, Ana Cláudia. "Da página à tela - ou vice-versa", <http://72.14.209.104/search?q=cachê:ow0N9g-721wj:publique.rdc.puc-rio.br/revistaalce...> Último acesso: 20/12/06.

VILLARINO PARDO, Carmen. "Encontros de escritores brasileiros nos finais da década de 1970: um mecanismo de institucionalização e de mercado", *Estudos de literatura brasileira contemporânea* 23, jan./jun., 2004a, p. 151-168.

_____. "Emergência do conto no sistema literário brasileiro: anos sessenta". In: AMADO RODRIGUEZ, T. et alii (orgs.). *Iucundi acti labores. Estudos em homenagem a Dulce Estefanía Alvarez*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións da Univ. de Santiago de Compostela, 2004b, p. 447-454.

ZOCH, Sílvia. <https://www.jfservice.com.br/nossagente/arquivo/artistas/2005/04/11-ruffato/>: 11/04/2005, portal ACESSA.com. Último acesso: 08/01/07